



# Atlas das Belezas Cênicas das Paisagens do Pampa

Olhar, ler, refletir e compreender para valorizar a paisagem

## Volume II - Região Planalto Meridional

Lucimar de Fátima dos Santos Vieira

Luís Alberto Pires da Silva

Jean Carlo Gessi Caneppele

Roberto Verdum

# Atlas das Belezas Cênicas das Paisagens do Pampa

Olhar, ler, refletir e compreender para valorizar a paisagem

## Volume II - Região Planalto Meridional

Lucimar de Fátima dos Santos Vieira

Luís Alberto Pires da Silva

Jean Carlo Gessi Caneppele

Roberto Verdum

**Lucimar de Fátima dos Santos Vieira**

**Luís Alberto Pires da Silva**

**Jean Carlo Gessi Caneppele**

**Roberto Verdum**

**Atlas das Belezas Cênicas das  
Paisagens do Pampa:  
Olhar, ler, refletir e compreender para valorizar a paisagem**

Região Planalto Meridional

Volume II

Porto Alegre

Instituto de Geociências

2019

## UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Rui Vicente Oppermann

Vice-Reitor: Jane Fraga Tutikian

## INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS

Diretor: André Sampaio Mexias

Vice-Diretor: Nelson Luiz Sambaqui Gruber

ATLAS das Belezas Cênicas das Paisagens do Pampa: olhar, ler, refletir e compreender para valorizar a paisagem - Região Planalto Meridional. / Lucimar de Fátima dos Santos Vieira...[et. al.]. - Porto Alegre : IGEO/UFRGS, 2020. v. 2. il.

**ISBN: 978-65-86232-29-5 (Volume 02)**

Geografia. 2. Pampa. 3. Paisagem. I. Vieira, Lucimar de Fátima dos Santos. II. Silva, Luís Alberto Pires da. III. Caneppele, Jean Carlo Gessi. IV. Verdum, Roberto. V. Título.

---

Catálogo na Publicação  
Biblioteca Instituto de Geociências - UFRGS  
Renata Cristina Grun CRB 10/1113

---

Universidade Federal do Rio Grande do Sul - Campus do Vale Av. Bento Gonçalves, 9500 - Porto Alegre - RS - Brasil  
CEP: 91501-970 / Caixa Postal: 15001.  
Fone: +55 51 3308-6569 Fax: +55 51 3308-6337  
E-mail: bibgeo@ufrgs.br

### Desenho da Capa:

Janice Martins S. Appel

### Fotografia da Contra-Capa:

Germano Schurle

### Projeto Gráfico:

Luís Alberto Pires da Silva

### Projeto Cartográfico:

Jean Carlo Gessi Caneppele

Lucimar F S Vieira

Roberto Verdum

### Colaboradores:

Laura Rudzewicz

Maurício Ragagnin Pimentel

Tânia Cristina Gomes

# Sobre os AUTORES

**Jean Carlo Gessi Caneppele – Geógrafo e Doutorando em Geografia (UFRGS)**

**Lucimar de Fátima dos Santos Vieira – Bióloga e Doutora em Geografia (UFRGS)**

**Luis Alberto Pires da Silva – Biólogo e Mestre em Geografia (UFRGS)**

**Roberto Verdum – Geógrafo e Doutor em Geografia (UFRGS)**

Conselho Editorial:

Membros do Pagus – Laboratório da Paisagem

Daniele Caron - Arquiteta e urbanista  
Gianluca Mascali Perseu - Arquiteto e urbanista

Geovane Aparecida Puntel - Geógrafa  
Guilherme Marques Jablonovski - Arquiteto e urbanista

Janice Martins Sitya Appel – Artista Plástica

Jean Carlo Gessi Canappeli - Geógrafo

João Luís Maciel Linck - Arquiteto e urbanista

João Paulo Schwerz - Arquiteto e urbanista

Laura Rudzewicz - Turismóloga

Lucas Manassi Panitz - Geógrafo

Luciana de Castro Neves Costa - Turismóloga

Lucile Bier - Geógrafa

Lucimar de Fátima dos Santos Vieira – Bióloga e Geógrafa

Luis Alberto Pires da Silva - Biólogo

Marina Cañas Martins - Arquiteta e urbanista

Mauricio Ragagnin Pimentel - Turismólogo

Mario Rangel - Geógrafo

Roberto Verdum - Geógrafo

Tania Cristina Gomes - Geógrafa

# AGRADECIMENTOS

- ❖ A todos(as) os(as) pesquisadores(as) e técnicos (as) que se colocaram à disposição para responder o formulário para identificação das belezas cênicas das paisagens do Pampa:

*Adriano Becker, Ailton G. Mandiã, Ari Delmo Nilson, Antonio Eduardo Leão Lanna, Dirce Maria Antunes Suertegaray, Edemar Valdir Streck, Eduardo Velez, Fernando Aduino (in memoriam), Flávio Luiz Foletto Eltz, Glayson Ariel Bencke, Heinrich Hasenack, Ilsi Lob Boldrini, Jan Karel Felix Mähler Jr., João Carlos P. Dotto, Leonid Streliaev, Lilian Waquil Ferraro, Luis Eduardo de Souza Robaina, Luis Fernando M. Fontoura, Luiza Chomenko, Marcelo Dutra Silva, Marcelo Maissonete Duarte, Paulo Brack, Salete Beatriz Ferreira, Saulo Barbosa, Saul Eduardo Seiguer Milder (in memoriam), Ricardo Aranha Ramos e Roberto Verdum.*

- ❖ Ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (POSGEA/IGEO/UFRGS).
- ❖ Aos pesquisadores do Laboratório da Paisagem (*Pagus*), do Departamento de Geografia da UFRGS.
- ❖ Aos autores das fotografias utilizadas para a ilustração do Atlas. As fotografias utilizadas foram fornecidas pessoalmente e pelo aplicativo *online* de gerenciamento e compartilhamento de vídeos e fotografias *Flickr*, da *Yahoo Company* ([www.flickr.com](http://www.flickr.com)) e pelo *Panoramio*, do *Google Maps* ([www.panoramio.com](http://www.panoramio.com)).

# PREFÁCIO

## Aprender a ver de outro modo

Atlas é narrativa. Estou consciente de que essa afirmação causará estranheza em vários geógrafos, geólogos, cartógrafos e leigos. Qualquer definição usual de atlas nos garante que ele é uma coleção de mapas e de outras informações cartográficas, geográficas, astronômicas, agrupadas tradicionalmente na forma de livro e nos tempos atuais também com a leveza, a agilidade de acesso e o poder de difusão dos formatos eletrônicos.

Muito bem, mas uma coleção de mapas e de outras informações cartográficas, geográficas, astronômicas apresentadas sob uma determinada forma não é uma narrativa? Um perspicaz leitor de atlas responderá: sim. Pergunte a um militar em guerra se ele concorda com a afirmação, é claro que ele concordará. A coleção de mapas e de outras informações cartográficas, geográficas, astronômicas colocadas ao seu dispor estarão a lhe contar as melhores maneiras de escolher os movimentos para o seu exército.

Atlas é narrativa, escolha de perspectivas, tomada de posição. Por exemplo, o primeiro livro considerado atlas foi editado em Bolonha em 1477 e continha 27 mapas elaborados por estudiosos de textos e mapas de Cláudio Ptolomeu, geógrafo grego que viveu no segundo século depois de Cristo. Sagan\* nos conta que Ptolomeu foi um estudioso da esfera celeste e mesclava o que hoje diferenciamos com as noções contrárias de ciência e misticismo. Com seus mapas, Ptolomeu tornou-se um dos mais importantes coautores de uma grande narrativa que atravessou séculos: a Terra é o centro do Universo e o Sol e as estrelas e as constelações de estrelas giram em torno de nós. Uma narrativa associada à manutenção da ordem vigente no século quinze e no mundo que fez vir a lume o livro posteriormente reconhecido como o primeiro atlas.

\*SAGAN, Carl. Cosmos. Lisboa: Editora Gradiva, (1980) 2009.

Narrar é inseparável da condição humana: trata-se de uma tentativa de conciliação entre a história reconfigurada pelo jeito de contá-la e o caráter temporal e dramático da existência. É uma busca de sentidos para a existência, isto é, uma busca para instituir sentidos para a existência – contar e ser escutado, enunciar e tentar ser aceito.

Narrar é uma ação entre o eu e o outro, entre o pessoal e o coletivo. Quando salientamos as diferentes dimensões escalares temporais e espaciais simultaneamente existentes no coletivo, melhor compreendemos o quanto a conversa entre mim e o meu vizinho está imersa no social e cultural, o quanto somos geografias e histórias encarnadas em nossas existências individuais.

Que narrativas queremos contar? Quais os sentidos que desejamos enunciar? E escutar, ler, receber, avaliar?

Sintetizo minha recepção do *Atlas das Belezas Cênicas das Paisagens do Pampa* deste modo: narrativa necessária e bela pelo que escolhe mostrar e o método através do qual foi realizada.

A obra se explicita como narrativa ao enunciar logo de entrada, na forma de subtítulo, para onde pretende caminhar, a direção para a qual pretende convidar a sensibilidade e a cognição do receptor: *olhar, ler, refletir e compreender para valorizar a paisagem*.

Algo pouco comum em obras científicas, declarar com tal ênfase um afeto casado a uma tomada de posição – para valorizar a paisagem. Essa valorização da paisagem expressa no subtítulo está associada ao destacado no título – as belezas cênicas das paisagens do Pampa. Ora, sabemos que os pampas estão, há tempos, postos sob uma encruzilhada de divergentes propostas de rumos defendidas por diferentes interesses sociais, econômicos e políticos. O presente atlas vem colocar a beleza e o patrimônio cultural da paisagem como dimensões que podem reivindicar um lugar central na arena política dessa encruzilhada.



Olhar, ler, refletir e compreender: é justamente isso que Lucimar de Fátima dos Santos Vieira, Luís Alberto Pires da Silva, Jean Carlo Gessi Caneppele e Roberto Verdum, autores do *Atlas das Belezas Cênicas das Paisagens do Pampa*, praticam página a página. Eles mostram, cativam com as belezas visuais oferecidas ao olhar do leitor. Fornecem informações de variados tipos e, com isso, qualificam a leitura com subsídios fundamentais. Inter-relacionam essas informações e, desse modo, com a precisão de quem faz ciência, eles conduzem a narrativa do patamar informativo e introdutório para níveis superiores, que propiciam questionamentos, reflexões, construções de conhecimentos. A cognição vem casada com a sensibilidade proposta desde o início – compreender para valorizar a paisagem.

O que é a beleza considerada através da perspectiva que a liga ao patrimônio afetivo de uma cultura? Como ela se constitui e como, em sua constituição, podemos aprender a ver de outro modo e enxergar amalgamados no espaço o tempo geológico e a temporalidade da história humana? Que consequências nos traz essa aprendizagem sobre o ver de outro modo?

Narrar é inseparável da condição humana: trata-se de uma tentativa de conciliação entre a tentativa de aprender a enxergar e o caráter dramático das encruzilhadas em que a existência está posta. É uma busca de sentidos para a existência e para os espaços onde esta se realiza, isto é, uma busca para instituir sentidos – narrar e ser escutado, enunciar e tentar ser aceito.

Aí está, na encruzilhada de motivos sociais, econômicos e políticos em disputa e sob os quais os pampas estão postos, uma obra científica e pedagógica vem oferecer à pauta do debate os valores da beleza, do afeto aos lugares, do patrimônio cultural da paisagem.

As narrativas geográficas muitas vezes serviram para fazer a guerra, mas esse engajamento de corações e mentes – a narrativa geográfica – serve também para nos colocarmos no rumo de muitos outros caminhos.

Que venham então os valores do afeto e da beleza para o centro do debate e das decisões sobre as geografias nas quais queremos viver.

**Nelson Rego**  
Porto Alegre, 24 de dezembro de 2017.



## DIVISÃO DOS VOLUMES E CAMINHOS

Foram identificadas e mapeadas 192 belezas cênicas. Para facilitar a elaboração e leitura do Atlas, inicialmente as belezas foram separadas de acordo com a unidade geomorfológica em que estavam inseridas ou em áreas de contato entre duas unidades. Como o Rio Grande do Sul possui cinco unidades geomorfológicas, o Atlas estará dividido em cinco volumes.

A segunda etapa consistiu na criação dos caminhos dentro das unidades geomorfológicas. O Objetivo dessa subdivisão, é de que as belezas próximas umas das outras possam ser visitadas a partir de uma mesma rodovia ou rota, facilitando o deslocamento de quem possa se interessar a conhecer as belezas cênicas. Dentro dos caminhos, foram localizadas as belezas cênicas pontuais e as áreas com belezas cênicas a serem visualizadas a partir das rodovias e estradas.

## FOTOGRAFIAS

Definidos os caminhos, iniciou-se a coleta de fotografias. As fotografias utilizadas foram fornecidas pessoalmente e pelo aplicativo online de gerenciamento e compartilhamento de vídeos e fotografias *Flickr*, da *Yahoo Company* ([www.flickr.com](http://www.flickr.com)) e pelo *Panoramio*, do *Google Maps* ([www.panoramio.com](http://www.panoramio.com)).

## TOPONIMIAS

Durante a localização, mapeamento, busca de fotografias e atualização das belezas, muitas vezes as nomenclaturas e toponímias dos lugares eram diferentes das que foram relatadas durante as entrevistas. O mesmo lugar pode ser conhecido por nomes diversos. As nomenclaturas das belezas cênicas que aparecem no Atlas são as mesmas das respostas dos entrevistados.

## CONTRIBUIÇÕES E ATUALIZAÇÕES

O leitor que tiver interesse em contribuir com fotografias, relatos dos locais e toponímias, para as próximas atualizações do Atlas, pode entrar em contato com o Laboratório da Paisagem – o *Pagus*, do departamento de Geografia, do Instituto de Geociências, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. **O e-mail para contato é: [pagus.ufrgs@gmail.com](mailto:pagus.ufrgs@gmail.com)**

## MAPA DOS CAMINHOS

Os mapas temáticos foram elaborados com o objetivo de otimizar a visualização das belezas cênicas através da divisão das mesmas, de acordo com as rodovias que as conectavam. Não foi criado nenhum dado novo, apenas os *layouts* dos mapas foram feitos no *software* ArcGis 10.2.2 utilizando arquivos em formato *shapefile* de outras fontes.

As bases utilizadas para elaboração dos mapas temáticos foram: 1) Rodovias - disponibilizado no site do DNIT; 2) Belezas cênicas - elaborado durante a tese de doutorado; 3) Rede hidrográfica, estradas vicinais, vilas e localidades – Weber e Hasenack (2007);  
4) Sedes Municipais – Geodiversidade (2010); 5) Unidades de Conservação – Geodiversidade (2010).

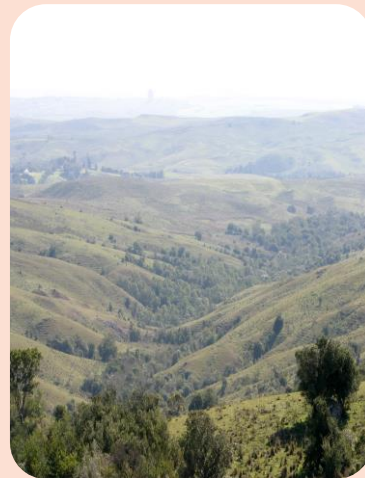
## MAPAS COM IMAGENS DE SATÉLITE

Todas as imagens de satélite que aparecem nos mapas foram adquiridas através do *software* SAS Planet que disponibiliza imagens georeferenciadas. As imagens são provenientes do satélite CNES/Astrium que possui resolução espacial de 1,5 metros e após serem adquiridas foram adicionadas no ArcGis 10.2.2 para confecção dos mapas temáticos.

## DEMAIS MAPAS

Os demais mapas temáticos presentes no Atlas da Paisagem também foram produzidos utilizando o *software* ArcGis 10.2.2. As bases e fontes utilizadas para a confecção desses mapas estão contidas no próprio mapa.

# Volumes do Atlas Belezas Cênicas das Paisagens do Pampa



Olhar, ler, refletir e compreender para valorizar a paisagem

**Volume I:**

- **Capítulo 1:**  
**Paisagem**

- **Capítulo 2:**  
**Bioma**

- **Capítulo 3:**  
**Cuesta do Haedo**

**Volume II:**

- **Planalto Meridional**

**Volume III:**

- **Depressão Central**

**Volume IV:**

- **Planalto Sul-Rio-Grandense**

**Volume V:**


- **Planície Costeira**

# Volume II

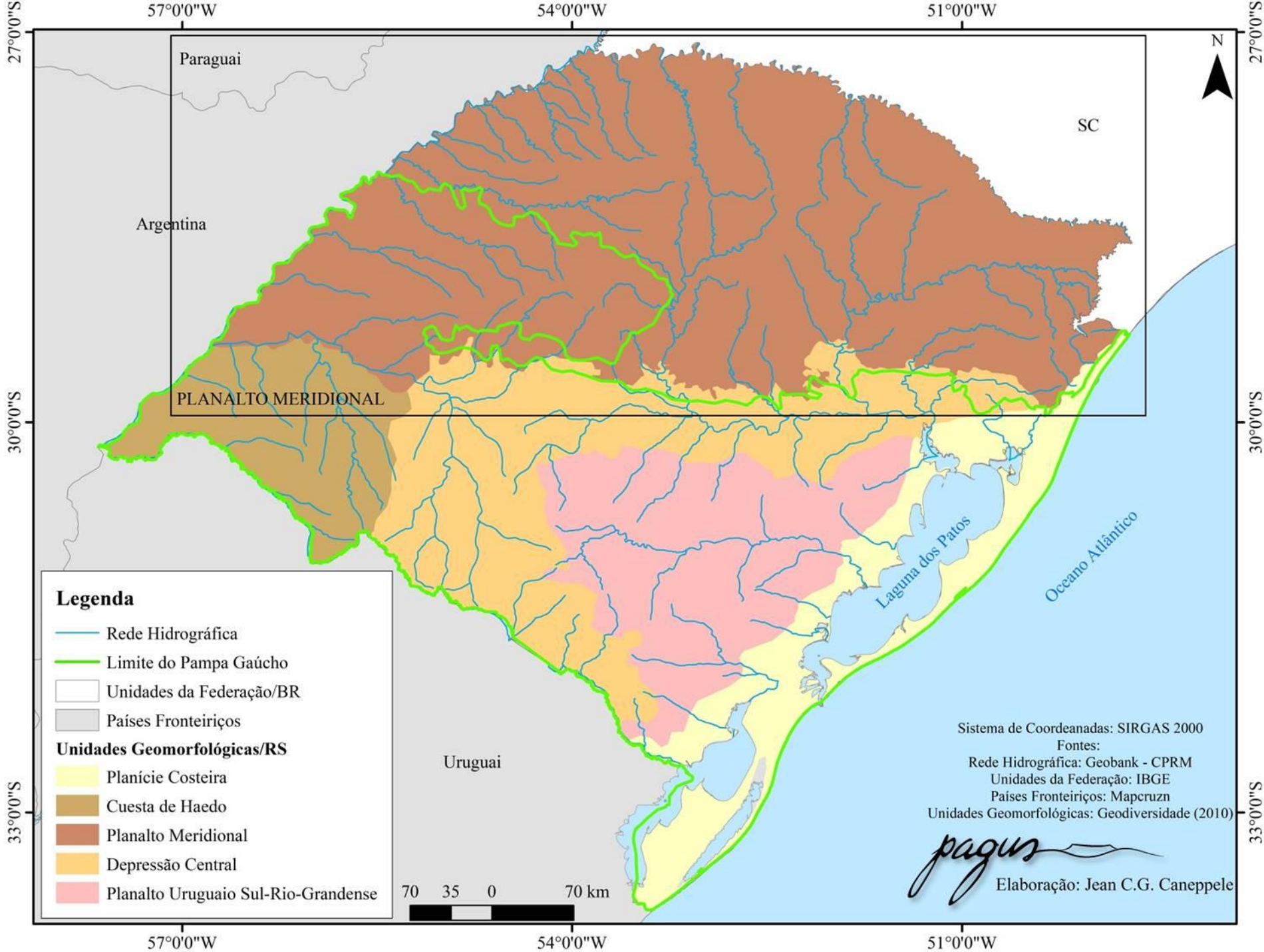
*pagus*  
Laboratório da Paisagem

## As belezas cênicas das paisagens da Unidade Geomorfológica Planalto Meridional

  
**UFRGS**  
UNIVERSIDADE FEDERAL  
DO RIO GRANDE DO SUL

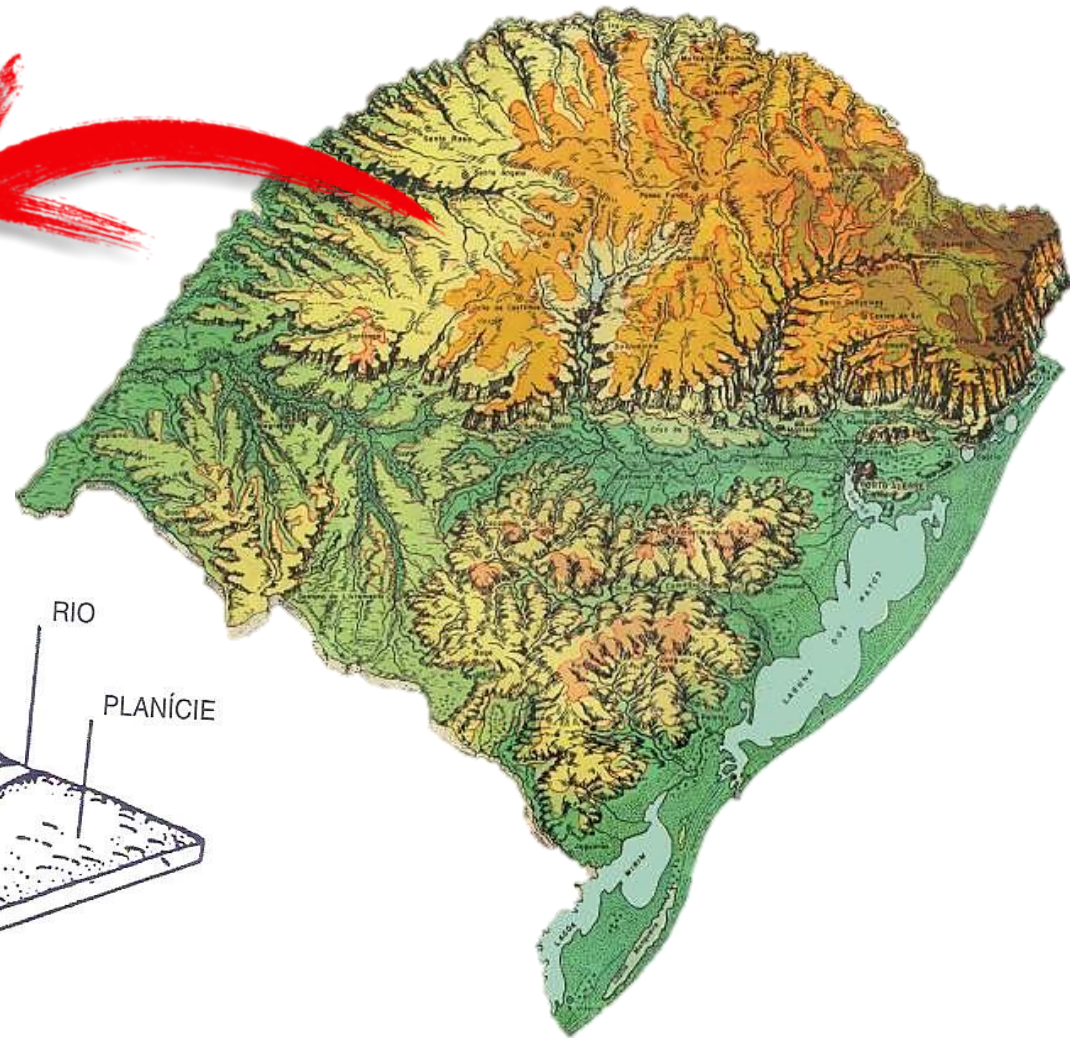
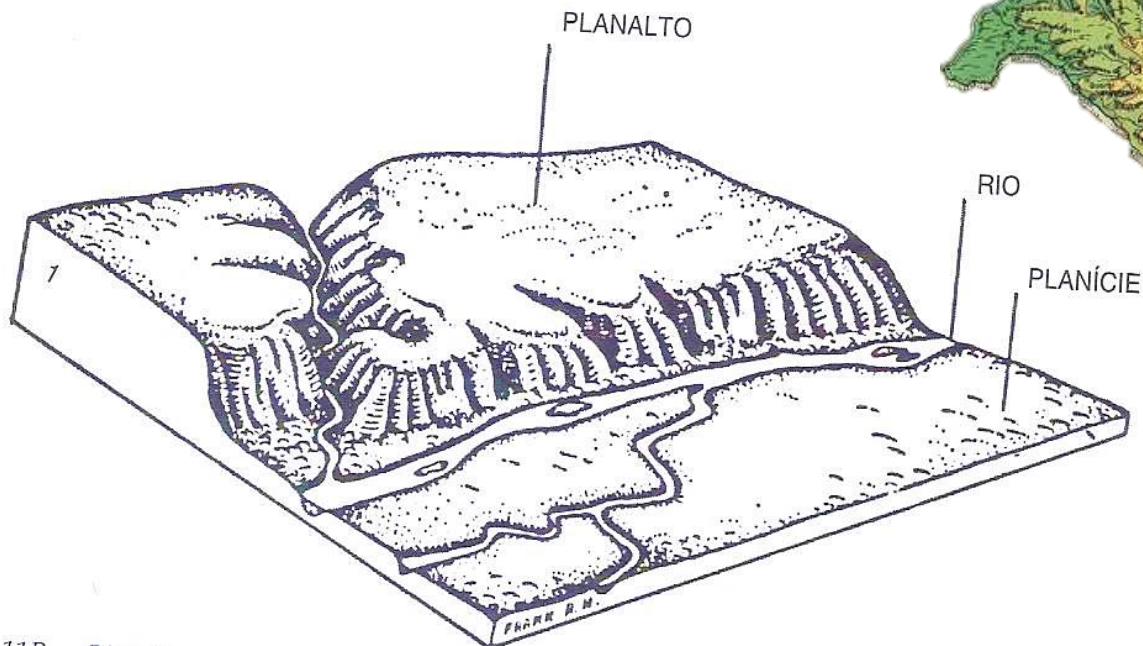
  
UFRGS  
**GEOCIÊNCIAS**

  
**POSGEA**  
Programa de Pós-Graduação em Geografia UFRGS



# Unidade Geomorfológica *Planalto Meridional*

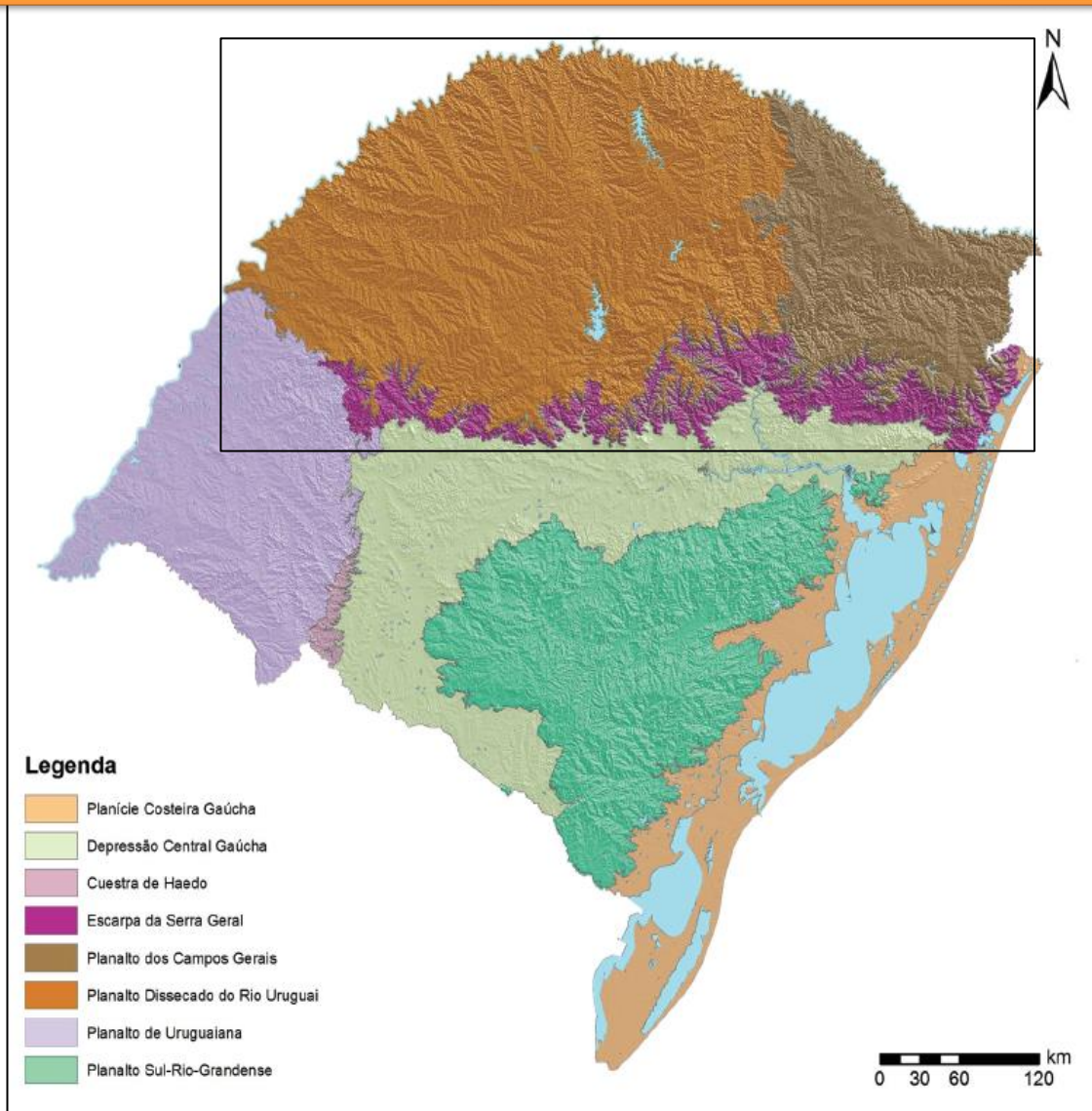
Planalto: constituídos por superfícies topográficas irregulares. São extensões de terrenos mais ou menos planos, situados em altitudes variáveis. Usado para definir uma superfície elevada, mais ou menos plana, delimitada por escarpas íngremes, onde o processo de degradação supera os de agradação. Quanto à origem, são classificados em Planaltos Tectônicos, Planaltos de Erosão e Planaltos Vulcânicos.





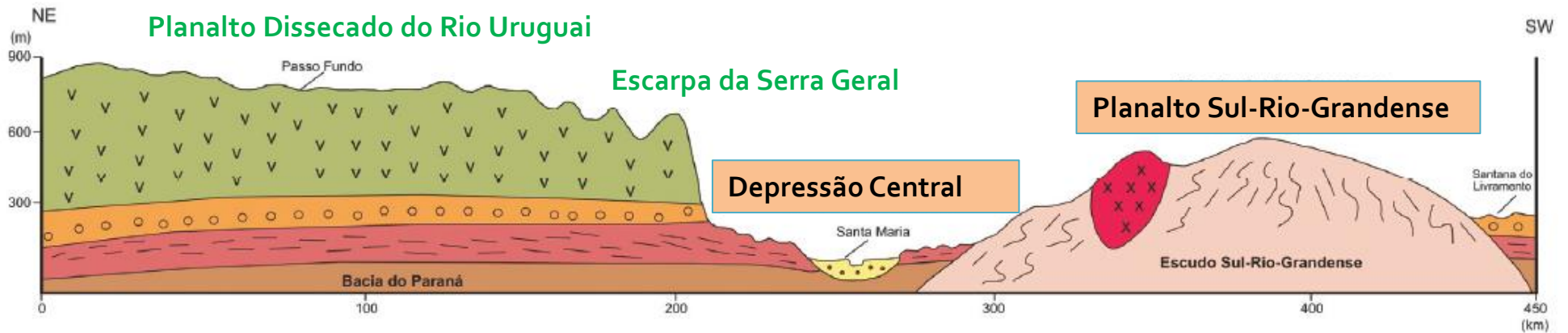
# Unidade Geomorfológica *Planalto Meridional*

Dantas et al.(2010) divide o Planalto Meridional em três domínios: O Planalto dos Campos Gerais, a Escarpa e o Planalto dissecado do rio Uruguai. O **Planalto dos Campos Gerais**, corresponde a um trecho mais elevado e situa-se no nordeste do estado do Rio Grande do Sul. A **Escarpa da Serra Geral**, genericamente denominada Patamares da Borda Oriental da Bacia do Rio Paraná pelo IBGE (1995), compreende um conjunto de elevadas escarpas erosivas que bordejam o Planalto. O **Planalto Dissecado do Rio Uruguai** (também denominado Planalto das Missões, por Justus et al, 1986) situa-se no norte-noroeste do Estado.



# Unidade Geomorfológica *Planalto Meridional*

## Planalto Meridional

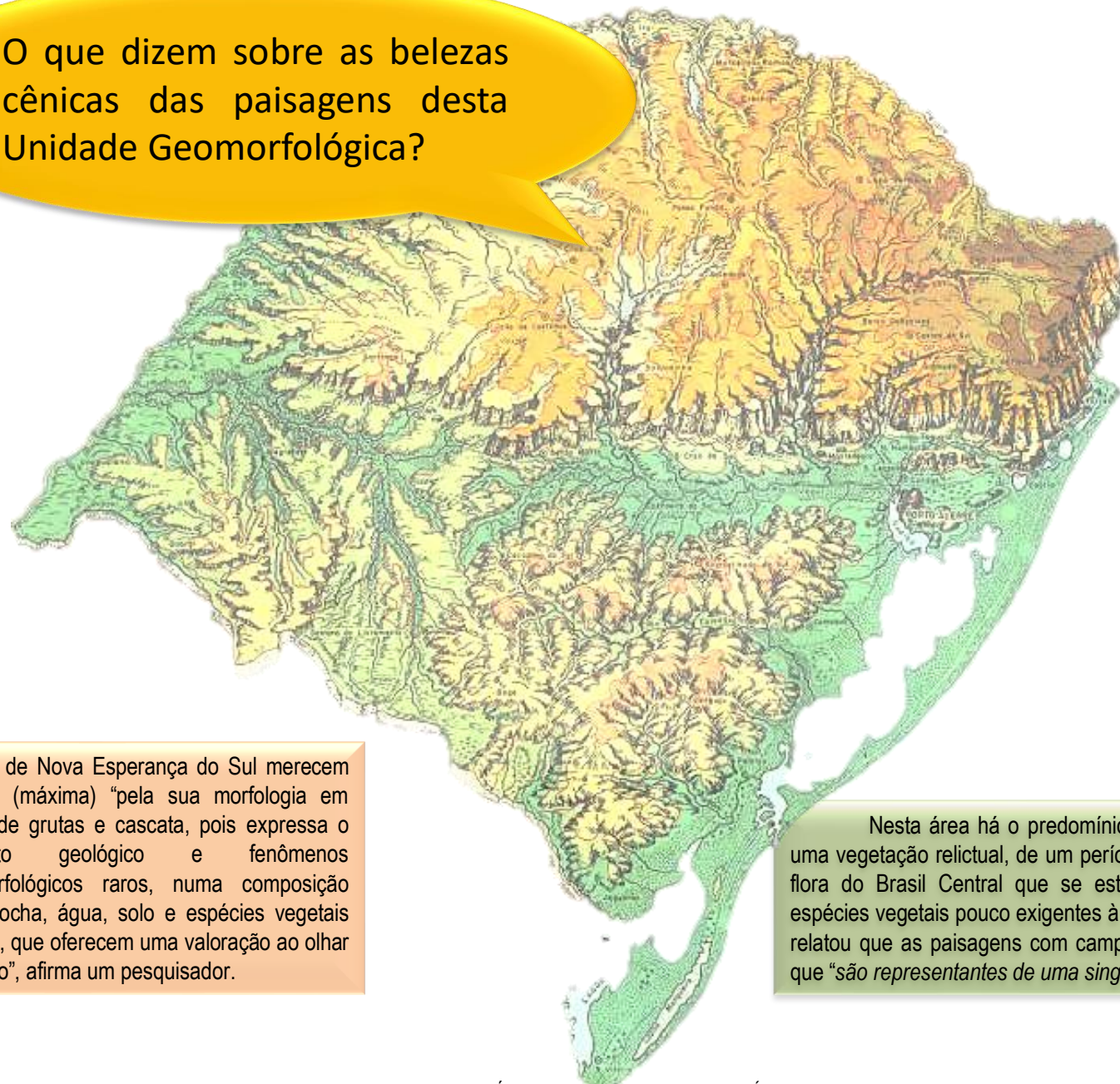


O **Domínio Geomorfológico Planalto Dissecado do Rio Uruguai** situa-se no norte-noroeste do estado do Rio Grande do Sul e se estende até o estado de Santa Catarina, sendo constituído por derrames vulcânicos da Formação Serra Geral, compostos predominantemente por basalto, andesitos, riolitos e dacitos, (DALTON et al., 2010)

Este Planalto caracteriza-se pela incorporação de vastas áreas para atividades agropecuárias e agroindustriais, com destaque para os cultivos e seu processamento, tais como: soja, milho e trigo.

Grande parte desta área está localizada dentro do bioma Mata Atlântica. Apenas na parte oeste-sudoeste caracteriza-se como bioma Pampa, com domínio de colinas dissecadas e morros baixos.

O que dizem sobre as belezas cênicas das paisagens desta Unidade Geomorfológica?



As paisagens nesse setor que receberam notas cinco (nota máxima) por mais de um pesquisador, foram as Missões Jesuíticas, pela sua importância histórica e cultural; e as grutas e cavernas (localizadas no contato dos dois biomas), pela *“sua morfologia em forma de grutas e cascata, expressa o contexto geológico e fenômenos geomorfológicos raros, numa composição entre rocha, água, solo e espécies vegetais nativas, que oferecem uma valoração ao olhar humano”*, como um pesquisador afirma.

Grutas de Nova Esperança do Sul merecem nota 5 (máxima) *“pela sua morfologia em forma de grutas e cascata, pois expressa o contexto geológico e fenômenos geomorfológicos raros, numa composição entre rocha, água, solo e espécies vegetais nativas, que oferecem uma valoração ao olhar humano”*, afirma um pesquisador.

Nesta área há o predomínio dos Campos de Barba-de-Bode, considerados uma vegetação relictual, de um período geológico mais seco, com representantes da flora do Brasil Central que se estabeleceram no Estado e permaneceram. São espécies vegetais pouco exigentes à fertilidade dos solos e umidade. Um pesquisador relatou que as paisagens com campos de barba-de-bode lembram a sua infância e que *“são representantes de uma singularidade, de uma beleza rara”*.

## O que dizem sobre as belezas cênicas das paisagens desta Unidade Geomorfológica?

A melancolia da história paira sobre essa paisagem. Todo quanto é belo é fadado a fenecer. A inveja entre duas nações irmãs, linhas geográficas traçadas a esmo nos gabinetes de Madrid e Lisboa, instintos interesseiros, ódio à religião – um dragão de sete cabeças se arremessou sobre as reduções, baniu os missionários, fez debandar os índios, votou à ruína os templos. Os restos de São Miguel, de São Lourenço, de São João Velho, invadidos pela vegetação, por longo tempo aproveitados como pedreiras, falam uma linguagem muda, mas eloquente, de acusação contra o mistério da humana iniquidade (RAMBO, p. 323)

RAMBO, Balduino. A fisionomia do Rio Grande do Sul: ensaio de monografia natural. 3ª ed. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2005.

A beleza das ruínas antigas, inexistentes no resto do Estado, comunica a essa região um encanto imortal. Ali a fé cristã e a civilização europeia pela primeira vez firmaram pé nas plagas abençoadas do “Tape” misterioso (RAMBO, p. 323).

“Foi assim que numa gelada manhã de junho de 1732, deixei a **redução** de São Luis Gonzaga, [...] Subimos à carroça que nos levaria até São Miguel Arcanjo [...] Seguimos a estrada de terra vermelha, em cujas margens homens e mulheres trabalhavam nas lavouras de trigo. [...] Além dos trigais, começavam os campos de pastoreio, onde manadas de gado domesticado pastavam livremente.”  
Alcy Cheuiche; Sepé Tiaraju: romance dos sete povos das missões, 2004, p.79-80.  
Fonte: IBGE. *Atlas das representações literárias de regiões brasileiras* / IBGE, Coordenação de Geografia. - Rio de Janeiro, 2006.

“Alonzo olhava as bandas do nascente. Era de lá que no futuro havia de vir o perigo. Os vicentistas, que agora eram senhores de estâncias de gado naquelas **terras lindas**, provavelmente descendiam dos bandeirantes renegados que havia mais dum século tinham destruído bestialmente as províncias jesuíticas de **Guaira e Itati**. E a ideia de que um dia os Sete Povos pudessem cair nas mãos dos portugueses deu-lhe um calafrio desagradável.”

Erico Verissimo. O continente, 2001, v.1 p. 22. O tempo e o vento.

Fonte: IBGE. *Atlas das representações literárias de regiões brasileiras* / IBGE, Coordenação de Geografia. - Rio de Janeiro, 2006.

O **Volume II** foi dividido em três caminhos.

O **CAMINHO DO PLANALTO** que comporta as belezas no contato entre a Depressão Central e o Planalto, nas proximidades da BR-287 e das RS-176 e RS-377

<b>Caminho do Planalto</b>  RS - 377 RS - 176 BR – 287	Gruta Nossa Senhora de Fátima Gruta Subterrânea Nossa Senhora de Fátima Arrozais da planície do Rio Ibicuí em Manoel Viana Ponte General Osório Fazenda Getúlio Vargas Foz do Rio Itu Rio Ibicuí e Vale do Ibicuí com suas planuras e morros Escarpa dos Paredões de Manoel Viana Arroio Miracatu
--	---

O **CAMINHO DAS MARGENS DO URUGUAI** que possui as belezas relacionadas as margens do Rio Uruguai em São Borja e Itaqui. A principal rota é a BR-472

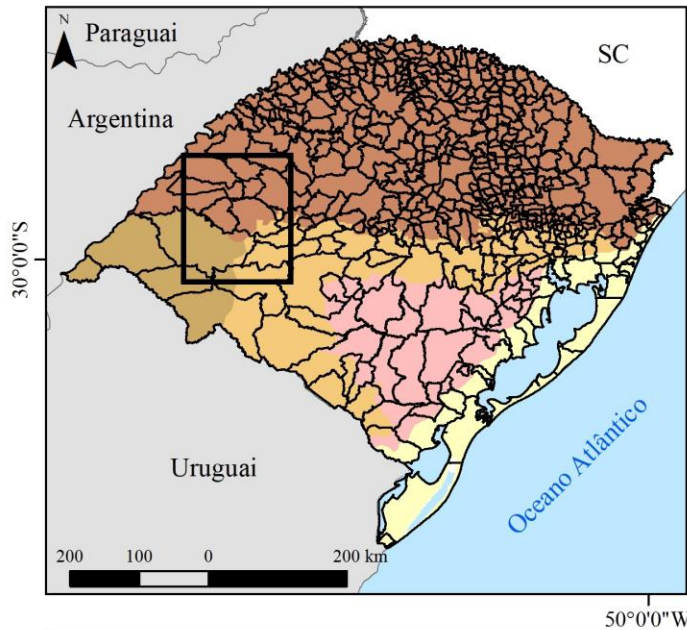
<b>Caminho das margens do Uruguai</b>  BR - 472	Reserva Biológica São Donato Ilhas do Rio Uruguai entre São Borja e Itaqui Margens do Rio Uruguai em Itaqui
---	---

O **CAMINHO DOS SETE POVOS** que foi assim denominado, devido às belezas estarem relacionadas as missões jesuíticas. As mesmos estão localizados nas proximidades da BR 285 e RS - 168.

<b>Caminho dos Sete Povos</b>  BR – 285 RS - 168	Municípios com missões jesuíticas : - Garruchos, São Nicolau, Santo Antônio das Missões, São Luiz Gonzaga, São Miguel das Missões, Santo Ângelo, Entre-Ijuís  Áreas com Pau Ferro
---	--






# CAMINHO DO PLANALTO



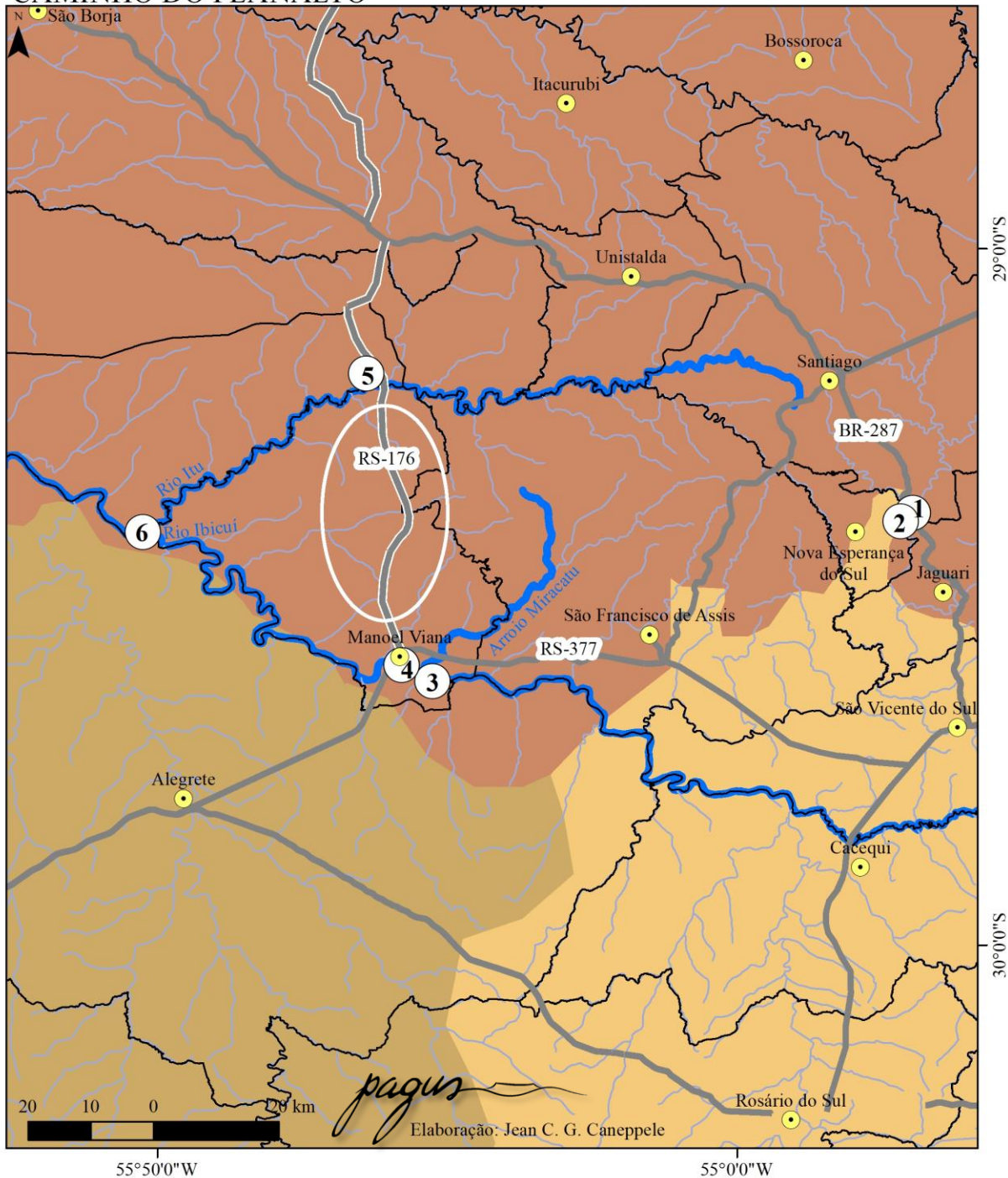
## Bezas Cênicas Pontuais

1. Gruta Nossa Senhora de Fátima
2. Gruta Subterrânea Nossa Senhora de Fátima
3. Arrozais da planície do Rio Ibicuí em Manoel Viana
4. Ponte General Osório
5. Fazenda de Getúlio Vargas
6. Foz do Rio Itu

## Áreas com Bezas Cênicas

-  Rio Ibicuí e Vale do Ibicuí com planuras e morros
-  RS-176 - Escarpa dos Paredões de Manoel Viana
-  Arroio Miracatu

-  Sedes Municipais
-  Rede Hidrográfica
-  Rodovias
-  Limite Municipal



The image features a stylized landscape with a blue sky, green hills, and a field of flowers. The sky is a light blue with a pattern of small, darker blue circles. A large, white, fluffy cloud is positioned in the upper left. The hills are green with a pattern of small, darker green circles. The foreground is a field of green grass with several white daisies with yellow centers. The word "Pontos" is written in a large, bold, black font in the center of the image.

# Pontos

# Grutas de Nossa Senhora de Fátima

54°45'50"W

54°45'0"W

Existem duas grutas denominadas Nossa Senhora de Fátima em Nova Esperança do Sul. Uma subterrânea e outra as margens do Rio Jaguarizinho.



*pagus*  
Laboratório de Paisagem  
Elaboração: Jean C.G. Caneppele





# Gruta Nossa Senhora de Fátima

Nova Esperança do Sul



*pagus*  
Crédito da Fotografia Julius Patricius

A gruta localiza-se as margens do Rio Jaguarizinho e pode ser acessada nas proximidades da Ponte da BR-287 sobre o próprio rio.



*pagus*  
Crédito da Fotografia Henrique Avila



# Gruta Subterrânea Nossa Senhora de Fátima

Nova Esperança do Sul

Gruta de Nova Esperança do Sul/RS - Vista da Cascata II



A gruta subterrânea, fica próxima da outra gruta, podendo ser acessada seguindo a BR-287, através da localidade de Turussu em Jaguari/RS ou por Nova Esperança do Sul, distando cerca de 8 km da sede municipal.

*pagus*



# Gruta Subterrânea Nossa Senhora de Fátima





# Gruta Subterrânea Nossa Senhora de Fátima



*pagus*  
Crédito da Fotografia: Flávio Luiz Foletto Eltz



*pagus*  
Crédito da Fotografia: Flávio Luiz Foletto Eltz



*pagus*  
Crédito da Fotografia: Flávio Luiz Foletto Eltz



# Arrozais da planície do Rio Ibicuí em Manoel Viana

Manoel Viana



Cerro do Tigre

*pagus*  
Crédito da Fotografia: Ivo Mello

Os arrozais podem ser visualizados ao longo da BR-377, entre os municípios de São Francisco de Assis e Manoel Viana

*pagus*  
Crédito da Fotografia: Ivo Mello



## Arrozais da planície do Rio Ibicuí em Manoel Viana

Foto aérea dos meandros do Rio Ibicuí



O Rio Ibicuí, do tupi guarani, **rio das areias brancas**, forma uma paisagem única em seus 385 km de travessia pelas terras gaúchas. Sua nascente fica localizada em Itaara, sendo seus principais formadores os rios Toropi, Jaguari, Ibicuí Mirim, Ibirapuitã e Santa Maria.

O **Comitê de Gerenciamento da Bacia Hidrográfica do Rio Ibicuí**, integrante do Sistema Estadual de Recursos Hídricos, criado pelo Decreto Estadual nº 40.226 , de 07 de agosto de 2000, foi instalado em 13 de dezembro de 2000.





# Arrozais da planície do Rio Ibicuí em Manoel Viana



*pagus*  
Crédito da Fotografia: Ivo Mello



# Arrozais da planície do Rio Ibicuí em Manoel Viana

Flor de Tuna



*Cereus hildmannianus* K. Schum.





55°29'10"W

55°28'20"W



# Ponte General Osório

29°35'0"S

29°35'0"S

Manoel Viana

Manoel Viana



*pagus*  
Crédito da Fotografia: Ivo Mello

Ponte General Osório Manuel Viana

29°36'0"S

29°36'0"S

*pagus*  
Instituto de Geografia  
Elaboração: Jean C.G. Caneppele



**Legenda**

- Belezas Cênicas
- Sede Municipal

55°29'10"W

55°28'20"W



## Ponte General Osório

Da necessidade de se ter um local apropriado para a passagem de cavaleiros e carreteiros, meios de transporte da época, face ao intercâmbio comercial entre as regiões das Missões e da Fronteira escolheu-se uma localidade como sendo a mais adequada, chamada de **Passo Novo do Ibicuí**. O povoado conservou este nome até a criação da vila, chamada de Manoel Viana em homenagem aos serviços prestados pelo **Intendente Manoel Viana (foto ao lado)**, no período de 1908 a 1916.



O povoado tinha poucas famílias até meados de 1945, quando teve início a construção da **ponte General Osório** sobre o Rio Ibicuí. Inaugurada em **1950**, esta representa um passo decisivo para o desenvolvimento desta localidade, por ser um elo de ligação rodoviário de vários municípios, desencadeando um considerável crescimento da população. O local era favorecido pelas excelentes condições geográficas, com solos férteis banhados por grandes bacias hidrográficas como Ibicuí, Itu, Miracatu, Piraju e Taquari.

A partir de então começam a se estabelecer no local agricultores, pecuaristas, comerciantes, além de se instalarem indústrias, tornando a região cada vez mais desenvolvida. O Rio Ibicuí desempenha função econômica fundamental para Manoel Viana e para os outros municípios por ele banhados.

Suas águas são canalizadas para a agricultura, com destaque para a lavoura arrozeira. O município usufrui deste rio também para a pecuária, às atividades de pesca e à extração de areia, garantindo trabalho a um grande número de pessoas.

*pagus*



# Ponte General Osório



Vista aérea da região urbana de Manoel Viana  
às margens do Rio Ibicuí





## Ponte General Osório

O rio Ibicuí também é conhecido como "**Rio das Peleias**"- metáfora que o poeta Guilherme Schultz Filho utilizou para batizar o rio, por causa da série de episódios bélicos ali desenrolados ao longo dos séculos da formação da história gaúcha.





# Ponte General Osório



*pagus*

Crédito da Fotografia: <http://www.mapio.cz/a/13975119/>



# Ponte General Osório

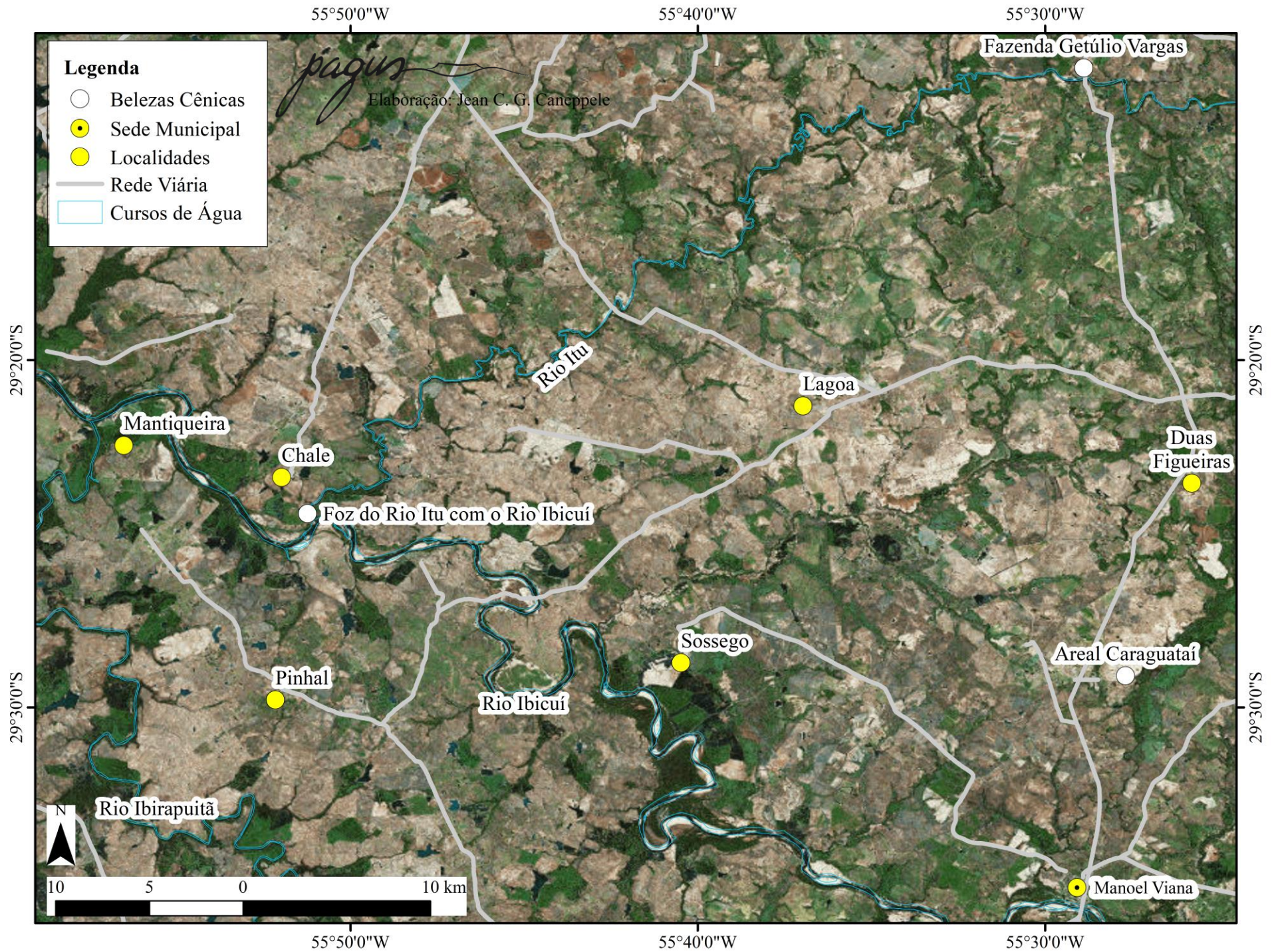
Entre os cursos do Rio Ibicui e Ibirapuitã viviam os índios Minuanos. Do seu canto teve origem o termo "Gaúcho", que significa "Gau"- cantar triste, e "quinchua *Che*" gente.

MANOEL VIANA é hoje um município muito próspero, graças a fertilidade e a capacidade hídrica de seus solos, destacando-se os cultivos anuais do arroz, da soja, do milho, do sorgo e do trigo, sendo a pecuária também bastante desenvolvida.

Fonte: <http://www.manoelviana.rs.gov.br/site/modules/wfchannel/index.php?pagenum=2>



Crédito da Fotografia: Luís Alberto Pires da Silva





# Fazenda de Getúlio Vargas

Itaqui

Fazenda Itu em Itaqui



Sede da **fazenda Itu**, que pertenceu a família do ex-presidente Getúlio Vargas, no município de **Itaqui**. Foi aqui que Getúlio Vargas viveu boa parte do autoexílio depois da queda de 1945 e antes do retorno ao poder pelo voto direto.

“O prefeito Gil Marques Filho foi comunicado na manhã desta sexta-feira, 18 (maio 2012), através de ofício assinado pelo secretário adjunto da Cultura do RS, Jéferson Assunção, que a Fazenda Itu, que já foi de propriedade do ex-presidente Getúlio Vargas, e que hoje pertence à **família Nicola**, foi **tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado (IPHAE)**, conforme **Portaria de Tombamento nº 023/2012**, publicada no Diário Oficial do Estado no último dia 8.

A histórica propriedade rural, localizada no 4º distrito, já havia sido considerada **patrimônio cultural do município** em meados da década passada.”

Fonte: <http://www.itaqui.rs.gov.br/noticias/2012/05/fazenda-itu-e-tombada-pelo-estado.html>



Crédito da fotografia Jefferson Bernardes



55°29'20"W

55°28'40"W

29°11'20"S

29°11'20"S

29°12'0"S

29°12'0"S

55°29'20"W

55°28'40"W



A Fazenda Getúlio Vargas está localizada no município de Itaqui, na divisa entre os municípios de Itaqui, Maçambará e Manoel Viana. Está localizada as margens do Rio Itu e na RS-176 que liga as sedes municipais de Manoel Viana e São Borja.

Itaqui

Fazenda Getúlio Vargas

Maçambará

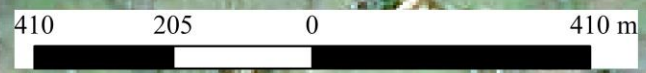
RS-176

Rio Itu

Manoel Viana

○ Beleza Cênica

▭ Rio Itu



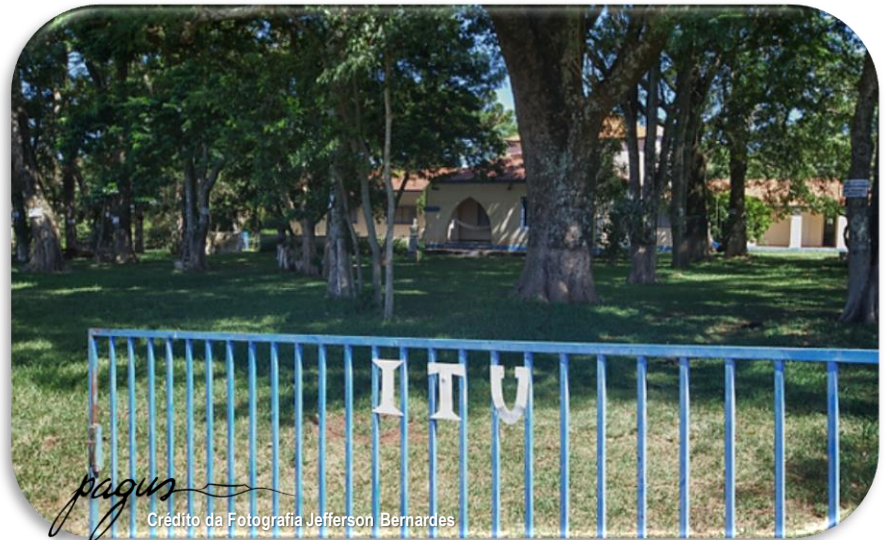
*pagus*  
Elaboração: Jean C.G. Caneppele



# Fazenda de Getúlio Vargas



*pagus*  
Crédito da Fotografia Jefferson Bernardes



*pagus*  
Crédito da Fotografia Jefferson Bernardes



*pagus*  
Crédito da Fotografia Jefferson Bernardes





# Foz do Rio Itu com Rio Ibicuí

Manoel Viana



*pagus*

Crédito da Fotografia: <http://www.mapio.cz/>

*Germano Schüür*



# Foz do Rio Itu com Rio Ibicuí



*pagus*

Crédito da fotografia: <http://www.mapio.cz/>

# Áreas com beleza cênica





# Rio Ibicuí com planuras e morros





# Rio Ibicuí com planuras e morros



Nascentes do ibicuí-Mirim

Crédito da Fotografia: Rene Goya Filho



Crédito da Fotografia: By Andre8883



Crédito da Fotografia: By Andre8883

O Rio Ibicuí com seus dois tributários ao Sul, o Santa Maria e o Ibirapuitã, juntamente com seus tributários à direita como o Toropi, Jaguarí e Itu, pertence à Região Hidrográfica do Uruguai.

A bacia do Ibicuí é a maior de todas, com 36.397,69 km<sup>2</sup>, está situada na fronteira oeste do Estado e compreende parte das regiões fisiográficas da Campanha, Missões e Depressão Central. Limita-se ao norte com a bacia do Ijuí-Piratini-Icamaguã; ao sul com as bacias do Quarai e do Santa Maria; a leste com as bacias do Alto Jacuí e Vacacaf-Vacacaf Mirim; e a oeste com o Rio Uruguai na divisa com a Argentina.

Os principais cursos d'água desta bacia são os Rios Ibicuí Mirim, Toropi, Jaguarí, Itu, Jaguarzinho, Santa Maria, Ibirapuitã e os Arroios Caverá, Miracatu, Pai Passo, Inhanduí, Ibirocai, Touro Passo e Bororé. Ao todo são 55 arroios desaguando no Rio Ibicuí.

Conforme VIEIRA (1984), esta bacia tem características um pouco diferenciadas das demais, tendo em vista a natureza do relevo. Boa parte do Rio Ibicuí tem seu curso em terrenos paleozóicos da bacia sedimentar do Paraná (Depressão Central). O curso médio-inferior ocorre no capeamento basáltico, de pouca espessura, se comparada àquela da porção norte-leste do planalto meridional. O alagamento das margens, várzeas e campos de pastagens é uma consequência do escoamento mais lento, face a gradientes de declives menores. Nos períodos de cheias, o rio se torna navegável em quase toda a sua extensão.

<http://www.comiteibicui.com.br/abaciadorioibicui.php>



Rio Ibicuí em Cacequi, seca de 2005; Fotografia de Luiz Carlos Santos



Rio Ibicuí em Cacequi, seca de 2005; Fotografia de Luiz Carlos Santos

# cuí com planuras e morros (cerros)







# Escarpa dos paredões de Manoel Viana



*pagus*  
Crédito da Fotografia: Ivo Mello

Os paredões de Manoel Viana podem ser visualizados na RS-176, que liga as sedes municipais de Manoel Viana e Santiago.



*pagus*  
Crédito da Fotografia: Luis Alberto Pires da Silva



## Escarpa dos paredões de Manoel Viana





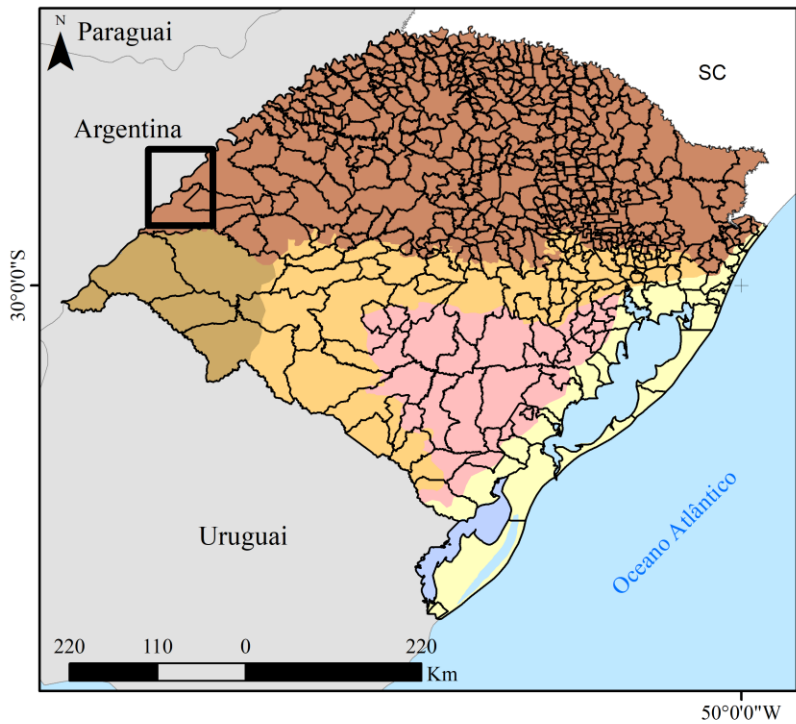
## Bacia do Arroio Miracatu










# Bacia do Arroio Miracatu

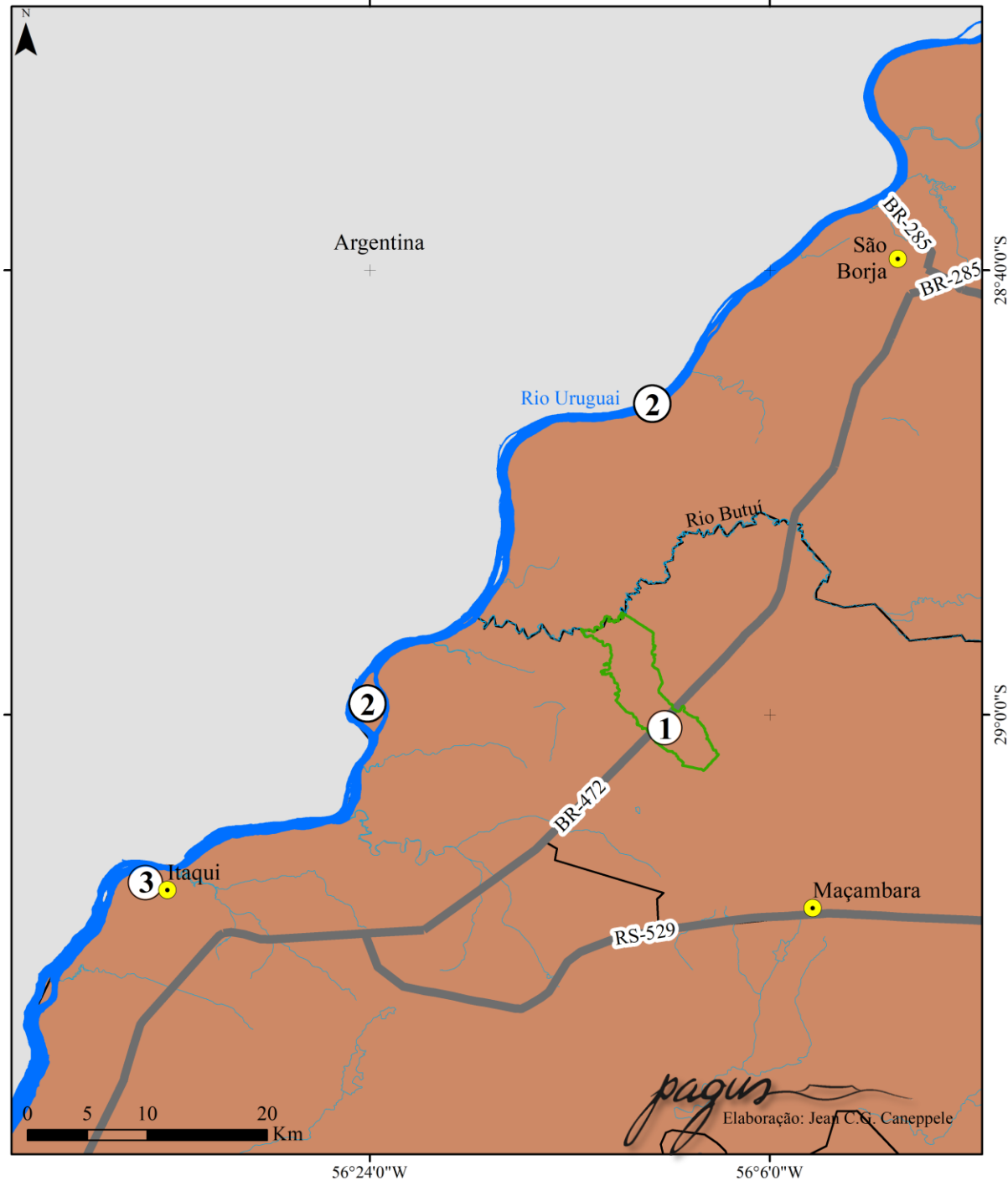




**Belezas Cênicas Pontuais**

1. Reserva Biológica São Donato
2. Ilhas do Rio Uruguai entre São Borja e Itaqui
3. Margens do Rio Uruguai em Itaqui

-  Sedes Municipais
-  Rede Hidrográfica
-  Rodovias
-  Limite Municipal
-  Reserva Biológica



*pagus*  
Elaboração: Jean C.G. Caneppele

# Pontos





# Reserva Biológica de São Donato

## Itaqui e Maçambará

A **Reserva biológica de São Donato** ( RBSD) abrange os municípios de Itaqui e Maçambara, ocupando uma área de 4.392 hectares. Foi criada pelo **Decreto Estadual nº 23.798, de 12 de março de 1975**. A fauna e a flora da RBSD apresentam grande singularidade sendo um dos últimos refúgios para a fauna e flora típicas do ecossistema de banhado em toda a fronteira oeste do Rio Grande do Sul.

Os ecossistemas de campo, banhados, vassourais, vegetação de tabuleiros, mata-palustre, mata de galeria e capões de mata arbóreo-arbustiva são encontradas na reserva.

A RBSD não é aberta à visitação, sendo seu acesso restrito à pesquisa científica e educação ambiental previamente agendada.



Crédito da Fotografia: <https://sites.google.com/site/resbiosaodonato/>



# Reserva Biológica de São Donato

*Chauna torquata*

Para visitar a Reserva Biológica de São Donato basta se deslocar pela BR-472 entre os municípios de Itaqui e São Borja que você estará passando por entre a reserva.

*pagus*

Crédito da Fotografia <http://bioferasconsultoria.blogspot.com.br/2011/07/banhado-sao-donato-reserva-ecologica.html>





O limite da reserva não abrange apenas as áreas de banhado, mas também áreas utilizadas para a rizicultura. Cerca de 70% do banhado foi transformado em lavouras de arroz.

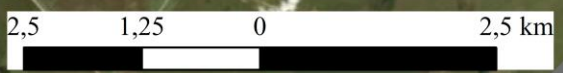
**Para saber mais...**

Bittencourt, Daniela Zanetti. Dinâmica e Análise de Fragilidade Ambiental, Banhado da Reserva Biológica de São Donato – RS. 2017. 114 f.

*pagus*  
Elaboração: Jean C. G. Caneppele

**Legenda**

- Rodovias
- ▭ Reserva Biológica São Donato





A tachã é uma ave **anseriforme** da família **Anhimidae**. Também conhecido por inhuma-poca, chajá, anhuma-do-pantanal, tarrã (Rio Grande do Sul) e tachã-do-sul.

## *Chauna torquata*

Do (grego) *khaunos* = esponjoso, rugoso, poroso, referente aos sacos de ar sob a pele das aves gritadoras; e do (latim) *torquata*, *torquatus* = colarinho, colar. ⇒ **Pássaro com colar de pele rugosa**.



Grande habitante dos banhados (áreas úmidas), com formato e características únicas. O corpo, pernas e pés são enormes em relação à cabeça, pequena e com um penacho na nuca. Em voo, mostra uma grande área branca sob a asa. Possui um esporão vermelho no cotovelo da asa, visível quando está pousada ou voando. Apesar do aspecto agressivo, não é usado como arma de ataque, servindo para comunicação entre as tachãs.

Destaca-se pelo grito alto, feito por um indivíduo ou pelo casal, em dueto. Pode gritar a qualquer momento do dia, avisando sobre sua presença ou

de intrusos, atraindo a raiva dos caçadores, ao espantar a presa. Esse chamado é mais grave no macho do que na fêmea, esta mais esganiçada, e é interpretado como dizendo “tachã”.

Alimenta-se, principalmente, de folhas de plantas aquáticas, apanhadas enquanto caminha pelo brejo ou nas margens, assim como insetos e moluscos.

Forma grandes bandos para pernoitar nos banhados, ficando em pé na água rasa. Durante o período reprodutivo são territoriais, afastando as outras tachãs. Depois, chegam a formar grupos de até 20 tachãs. É monogâmica. Pousa nas praias ou nas árvores da mata ribeirinha. Constrói um enorme ninho de folhas emaranhadas sobre um arbusto ou árvore pequena, sempre sobre a água. Coloca de 2 a 7 ovos, chocados durante cerca de 45 dias. Geralmente o macho passa mais tempo chocando os ovos, revezando com a fêmea quando precisar se alimentar, mas nunca deixam o ninho sozinho. Os filhotes saem do ninho logo depois de nascerem ou no dia seguinte, cobertos com penugem semelhante a dos patinhos. Caminham com os pais, ficando imóveis e escondidos na vegetação ao primeiro grito de alerta. Os juvenis recebem os cuidados parentais de ambos os progenitores durante 3 a 4 meses. Por volta dos 5 meses completam a plumagem e podem voar.



# Reserva Biológica de São Donato

*Caiman latirostris*



*pagus*



# Jacaré-de-papo-amarelo

*Caiman latirostris*



Espécie de jacaré de porte médio que pode atingir até 3,5 m de comprimento total, porém com raros espécimes maiores que 2 m. Apresenta o focinho proporcionalmente mais curto entre os crocodylianos atuais, com coloração dorsal verde-oliva escuro e faixas transversais pretas. O ventre é amarelado. Os jovens apresentam a coloração dorsal de fundo mais clara, tendendo ao amarelo.

Alimenta-se de artrópodes, moluscos (*Ampullaria* sp.) e pequenos vertebrados, possuindo uma dieta com predominância de moluscos quando adulto e insetos quando filhote. Ocorre no nordeste da Argentina, sudeste da Bolívia, Paraguai, norte do Uruguai e leste do Brasil.

Esta espécie é muito arredia à aproximação de pessoas, o que dificulta a sua observação na natureza, porém indivíduos juvenis podem ser vistos com relativa frequência nas lagoas do litoral do Rio Grande do Sul. A espécie pode ser encontrada em diversos tipos de coleções d'água, como lagoas, banhados, mangues e rios, além de ocupar pequenos corpos d'água temporários, como poças. As fêmeas constroem ninhos com matéria vegetal, entre dezembro e janeiro, onde depositam de 18 a 50 ovos. Os filhotes nascem por volta do mês de março.

Por ter sua distribuição geográfica associada principalmente às áreas baixas do litoral brasileiro, que são fortemente impactadas pela rizicultura, a principal ameaça à sobrevivência da espécie tem sido considerada a destruição do seu habitat natural.

*pagus*  
Crédito da Fotografia: Fábio Maffei

Para saber mais ...

Fonte: <http://www.ufrgs.br/herpetologia/R%C3%A9pteis/Caiman%20latirostris.htm>



# Reserva Biológica São Donato



*pagus*



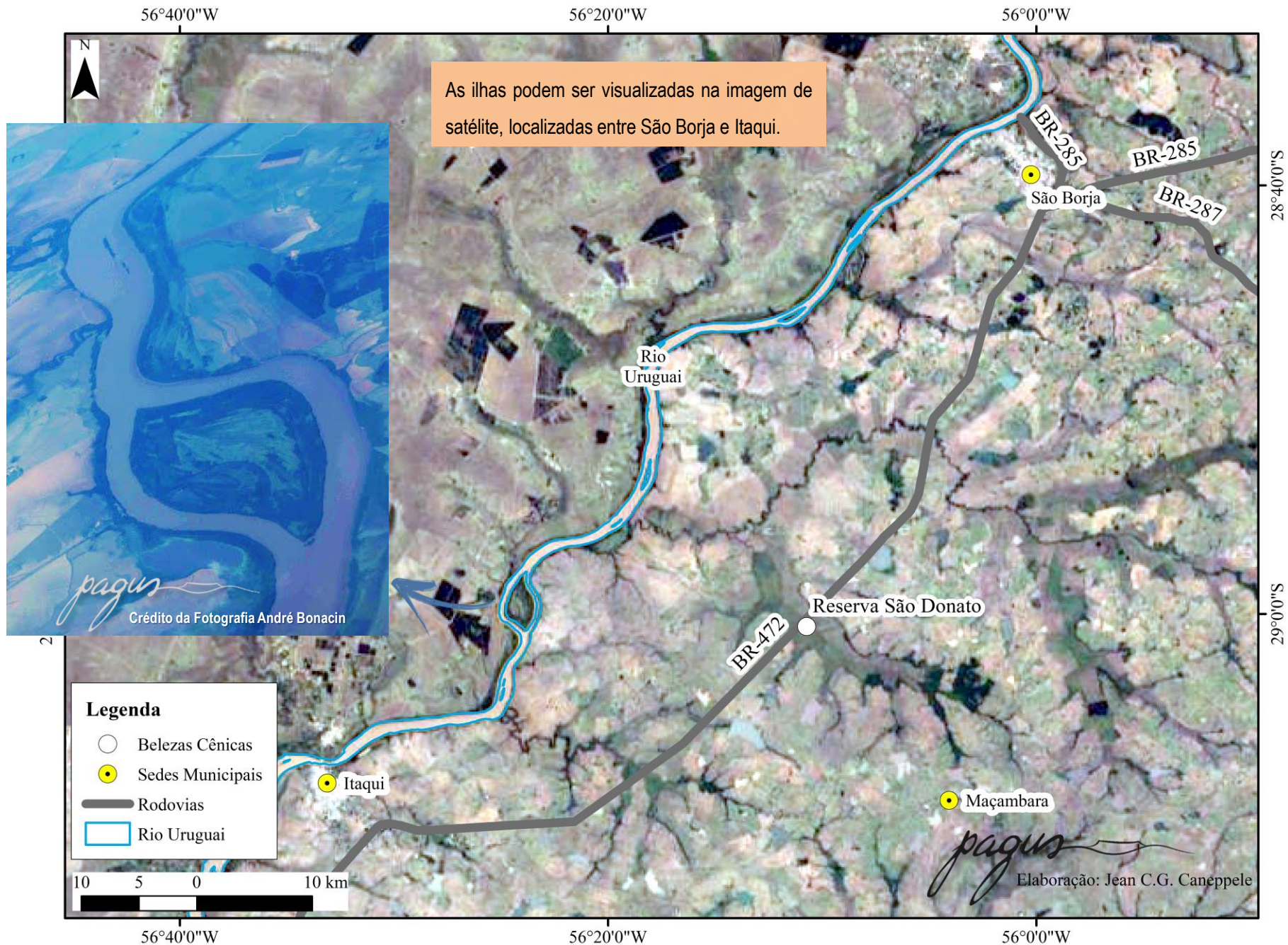
# Reserva Biológica São Donato

Banhado e campo tomado por Espinilho.

*pagus*

Crédito da Fotografia: <http://bioferasconsultoria.blogspot.com.br/2011/07/banhado-sao-donato-reserva-ecologica.html>

# Ilhas do rio Uruguai





# Ilhas do rio Uruguai

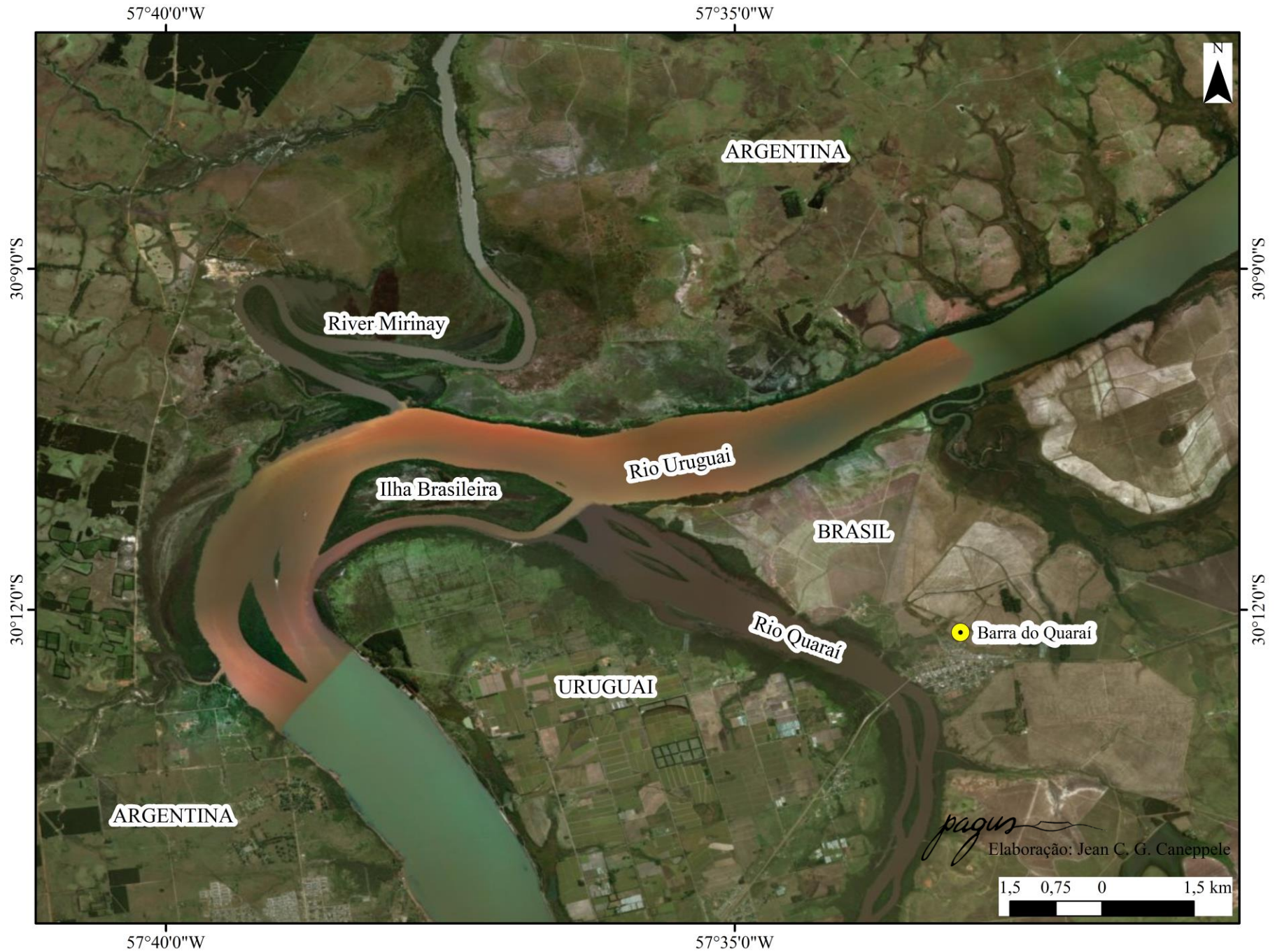


*pagus*  
Crédito da Fotografia Gabriel Vaz Torres





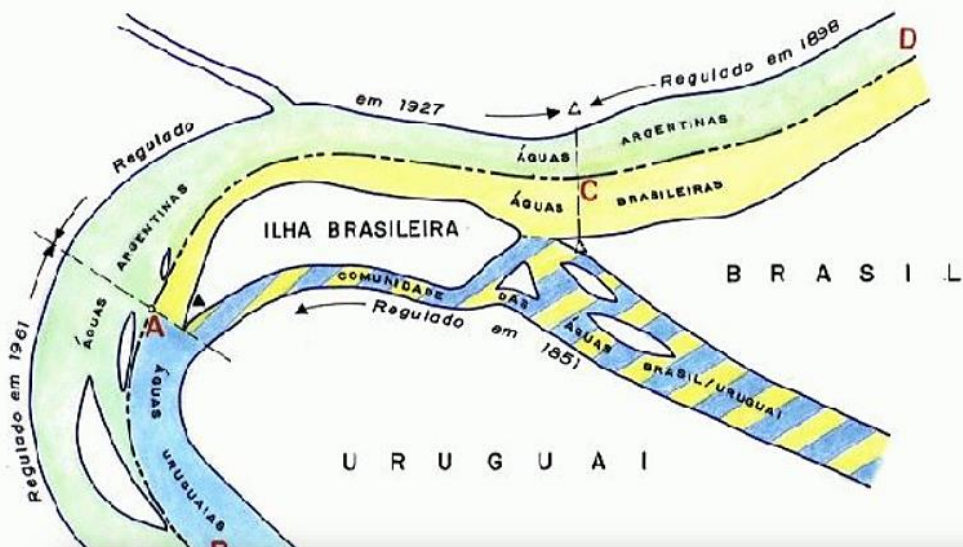
# Ilha Brasileira





# Ilha Brasileira

A R G E N T I N A



A **Ilha Brasileira**, como é conhecida, está localizada na foz do rio Quaraí, entre os municípios de Barra do Quaraí (**Brasil**), Bella Unión (**Uruguai**) e Monte Caseros (**Argentina**).



Seu Zeca, o guardião da ilha e único morador, viveu durante 50 anos preservando o local. Atualmente, existe um projeto de transformar a área de 200 hectares em um parque municipal de preservação ambiental.



No dia 30/10/2005, a ONG Atelier Saladero conversa com antigos moradores locais sobre seus anos de "vivência pelas matas". Foram mais de 100 árvores catalogadas.



**Capincho** (*Hydrochaeris hydrochaeris* Lynnaeus, 1766) na barranca! Na Ilha Brasileira você pode avistar o capivara, o maior roedor vegetariano do mundo. É nativo das Américas do Sul e Central. Seu habitat natural é ao redor de rios e lagos.

O melhor lugar são as várzeas e áreas alagadas. Adultas, as capivaras chegam a 80 quilos. No Rio Grande do Sul, esses animais são chamados de "capincho".. Uma das faculdades da capivara é a sua capacidade de permanecer submersa na água para se defender de predadores

**Veado-campeiro** (*Mazana americana* Erxleben, 1777) fotografado na Ilha Brasileira por estudantes na última ação de limpeza do Marco Imperial em dezembro de 2016.





# Ilha Brasileira



*pagus*

<http://www.trinacional.com/ambiente/ambiente.html>



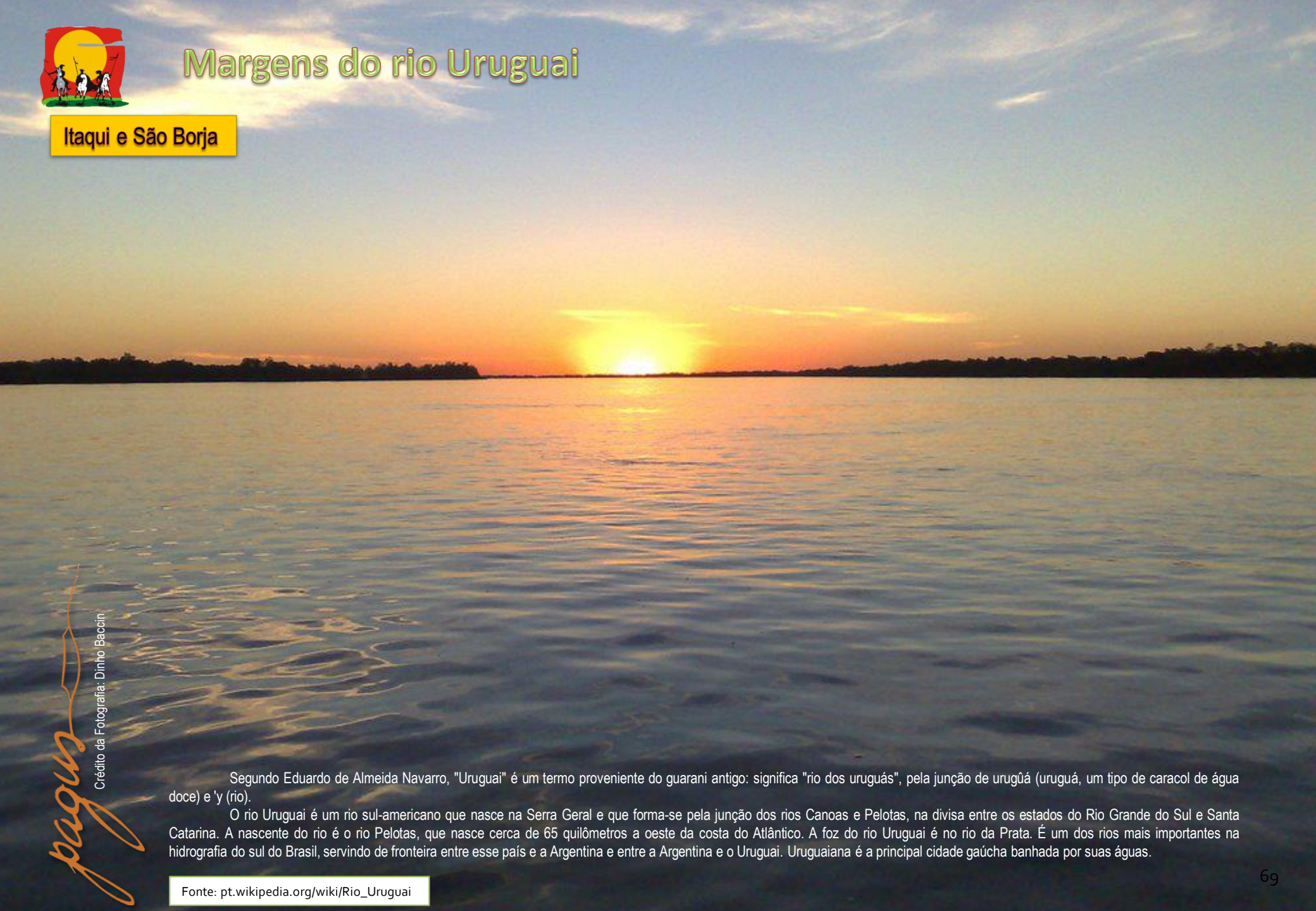
*pagus*

<http://www.trinacional.com/ambiente/ambiente.html>



# Margens do rio Uruguai

Itaqui e São Borja



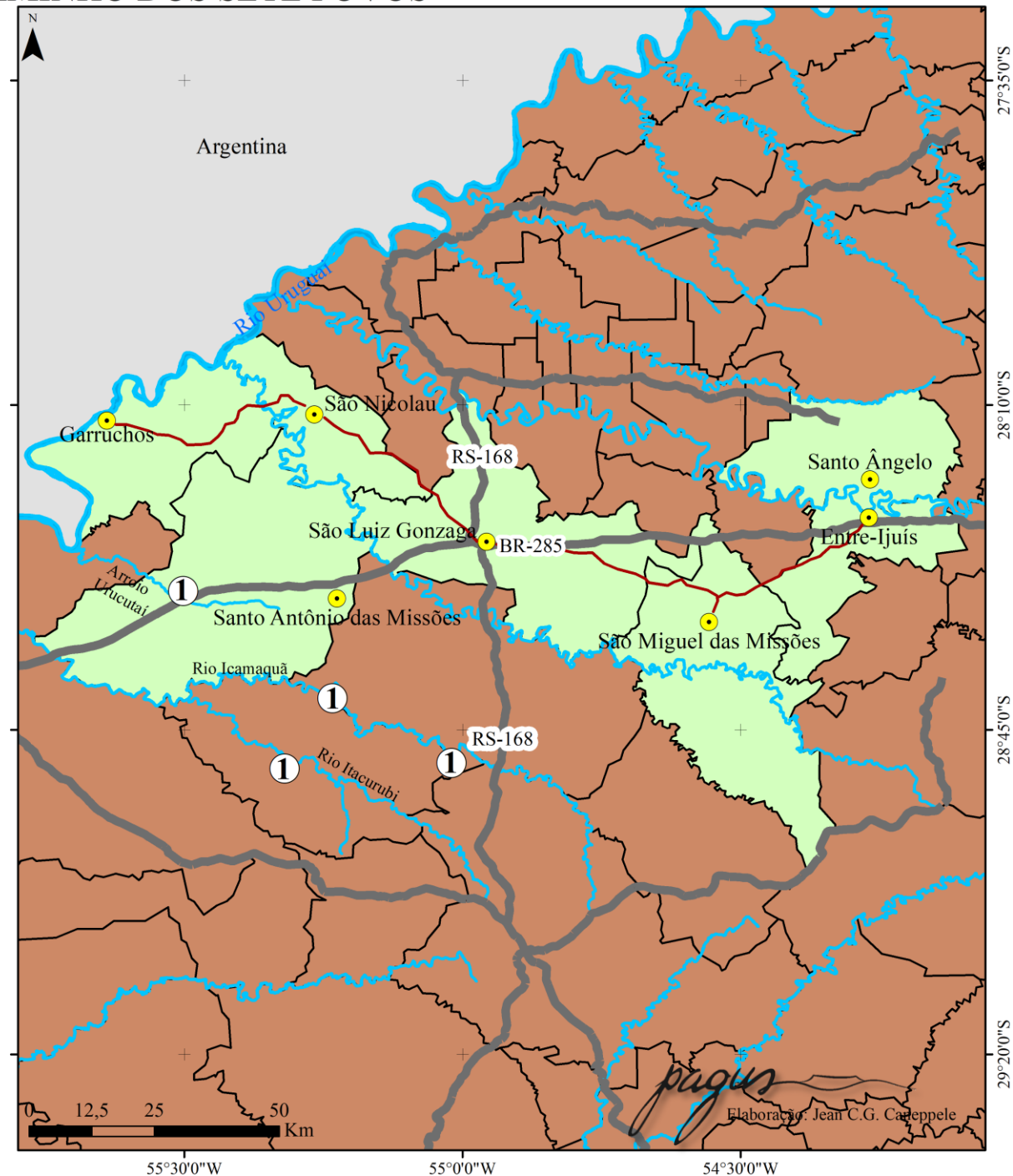
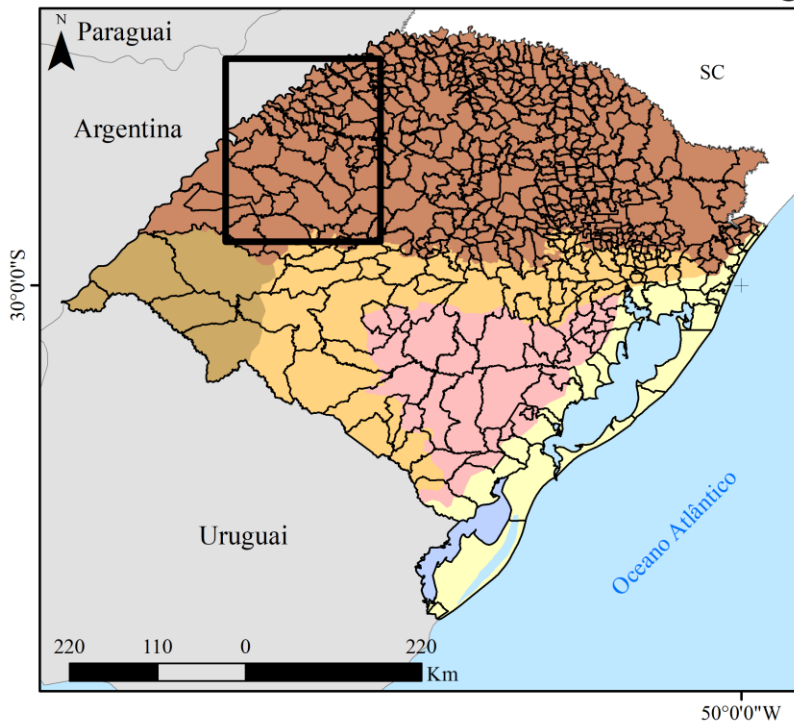
pagus embaixada  
Crédito da Fotografia: Dinho Baccin

Segundo Eduardo de Almeida Navarro, "Uruguai" é um termo proveniente do guarani antigo: significa "rio dos uruguás", pela junção de urugûá (uruguá, um tipo de caracol de água doce) e 'y (rio).

O rio Uruguai é um rio sul-americano que nasce na Serra Geral e que forma-se pela junção dos rios Canoas e Pelotas, na divisa entre os estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina. A nascente do rio é o rio Pelotas, que nasce cerca de 65 quilômetros a oeste da costa do Atlântico. A foz do rio Uruguai é no rio da Prata. É um dos rios mais importantes na hidrografia do sul do Brasil, servindo de fronteira entre esse país e a Argentina e entre a Argentina e o Uruguai. Uruguiana é a principal cidade gaúcha banhada por suas águas.


Fonte: [pt.wikipedia.org/wiki/Rio\\_Uruguai](http://pt.wikipedia.org/wiki/Rio_Uruguai)

# CAMINHO DOS SETE POVOS




## Áreas com Belezas Cênicas

1. Áreas com pau ferro


 Municípios com missões jesuíticas

 Sedes Municipais

 Limite Municipal

 Rede Hidrográfica

 Rodovias

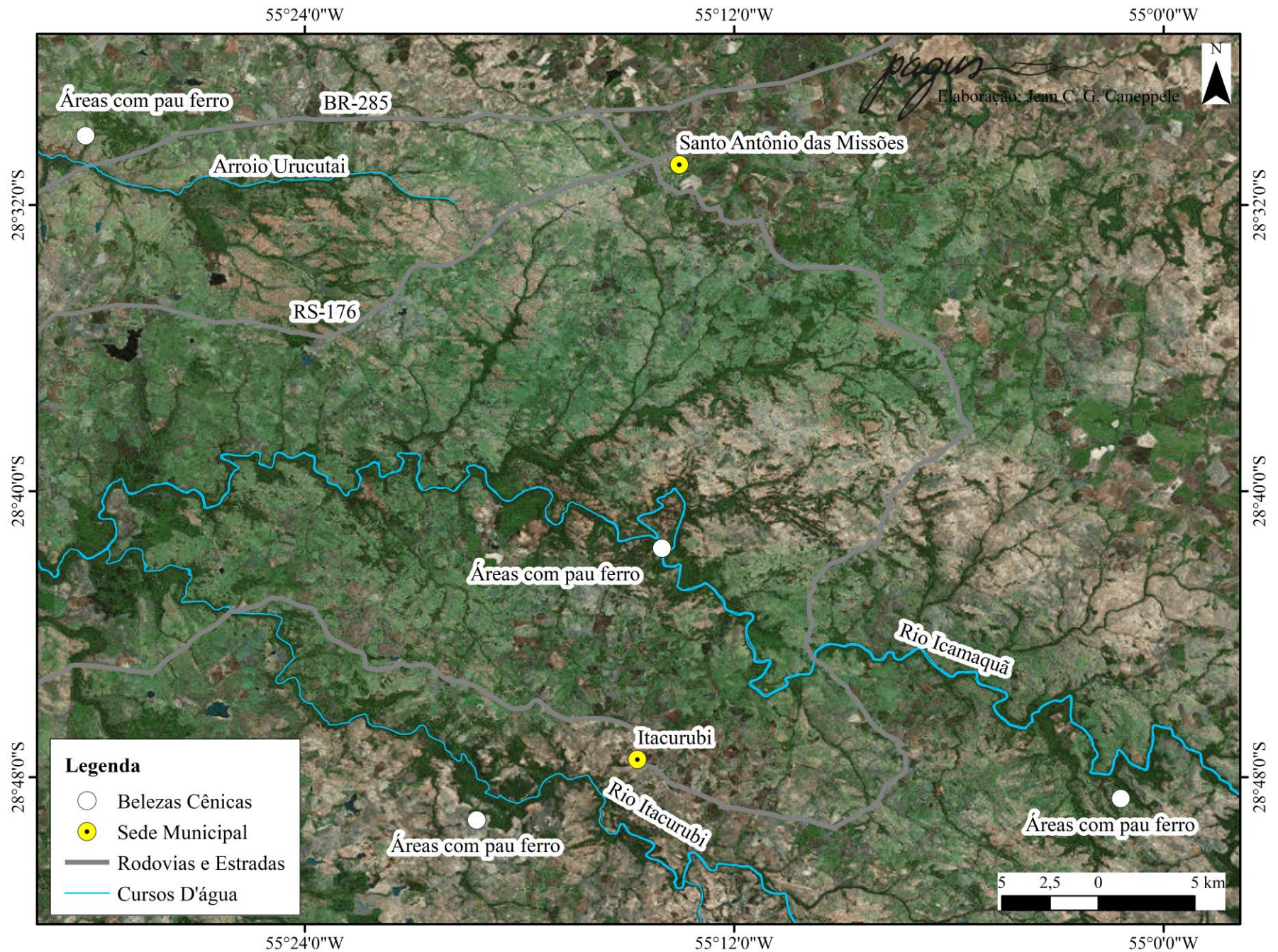
 Estradas Vicinais

Elaboração: Jean C.G. Caseppele

# Conjuntos

The background of the slide is a stylized landscape. The sky is light blue with a pattern of small, darker blue circles. Two white, fluffy clouds are positioned in the upper left and upper right. Below the sky is a white horizon line. The landscape consists of rolling green hills with a pattern of small, darker green circles. In the foreground, there is a field of green grass with several white daisies with yellow centers. The overall style is reminiscent of a low-poly or pixelated aesthetic.

# Áreas com Pau Ferro







# Áreas com Pau Ferro

*Myracrodouon balansae* (Engl.) Santin



*pagus*  
Crédito da Fotografia: Eduardo Vélez



*pagus*  
Crédito da Fotografia: Eduardo Vélez



# Áreas com Pau Ferro



*pagus*  
Crédito Fotografias Eduardo Vélez



*pagus*  
Crédito Fotografias Eduardo Vélez



*Myracrodruon balansae* (Engl.) Santin

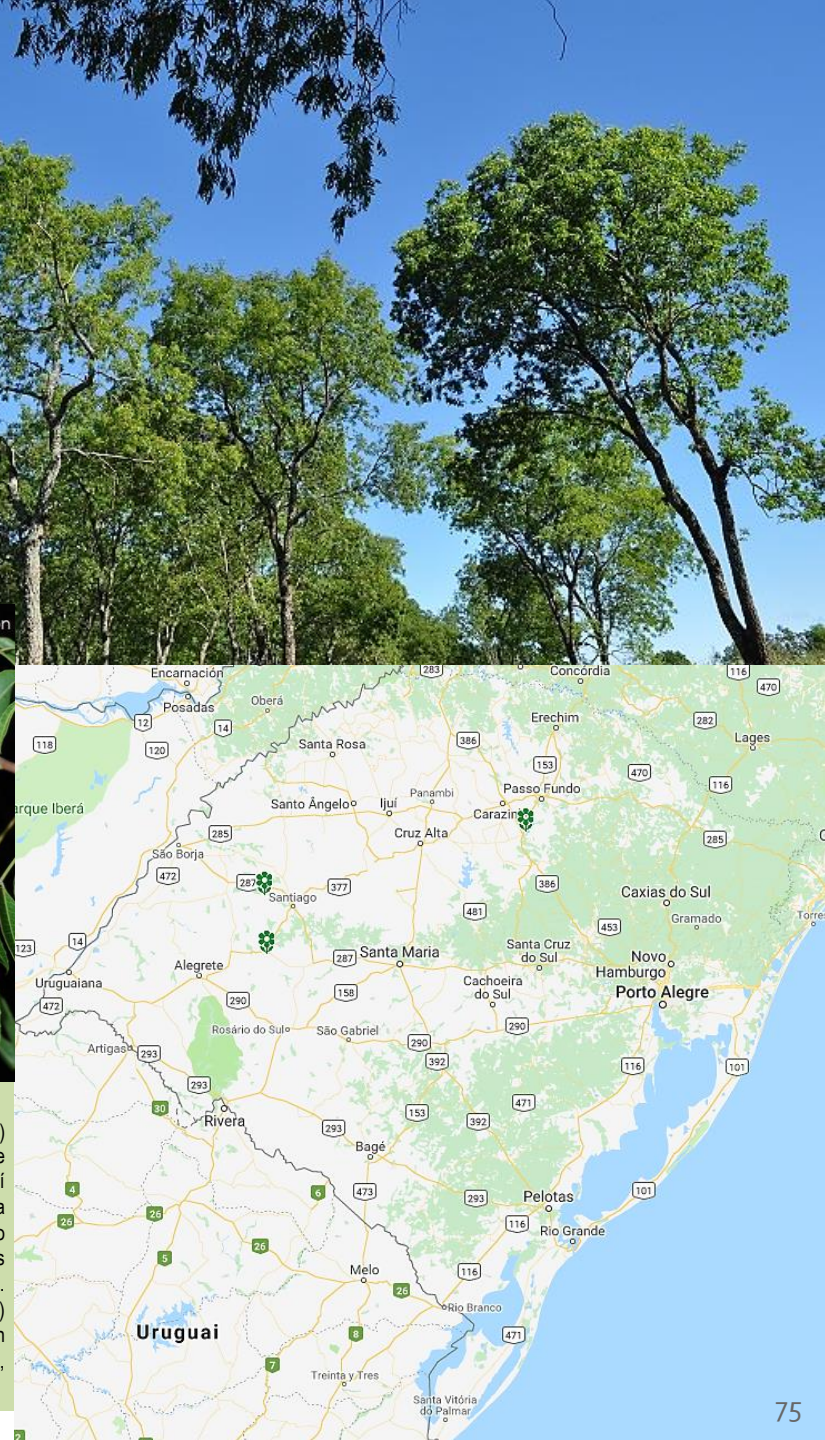


# Áreas com Pau Ferro



Sérgio Bordignon

*Myracrodouon balansae* (Engl.)  
**Família:** Anacardiaceae  
**Nome popular:** pau-ferro, urundai  
**Ocorrência no RS:** Nativa  
**Distribuição geográfica:** No Rio Grande do Sul ocorre na região das Missões (Sobral et al. 2006).  
**Grau de ameaça:** Em perigo (EN)  
**Fotógrafo:** Sérgio Bordignon  
**Fotografada em:** RS, Unistalda,



*Myracrodouon balansae* (Engl.)

[http://www.ufrgs.br/fitoecologia/florars/open\\_sp.php?img=10879](http://www.ufrgs.br/fitoecologia/florars/open_sp.php?img=10879)

# AS REDUÇÕES JESUÍTICAS (1609-1706).

## O PROCESSO DE COLONIZAÇÃO EUROPEIA NO ATUAL RIO GRANDE DO SUL:

Desde 1609, Padres Jesuítas, missionários da Companhia de Jesus deram início a um trabalho de evangelização dos índios da vasta Província do Paraguai. Tiveram grande sucesso junto aos grupos Guarani, que viviam em aldeias agrícolas, num sistema seminômade, não havia terreno e sim regiões.

O interesse do Império Espanhol era tomar posse das terras da Bacia Platina, como objetivo a conversão e colonização dos indígenas ao cristianismo, por ordem da coroa é instalada a primeira Redução, a de São Ignácio Guaçú, território Espanhol determinado pelo Tratado de Tordesilhas.

Num período de mais ou menos um século, entre 1609 a 1706, os jesuítas expandiram sua evangelização pela região de Tape (Rio Grande do Sul). No Tape, a fundação dos povoados de Santo Tomé, São Miguel, São José, entre outros, representou uma dilatação das Missões do Paraguai para os territórios que hoje configuram o Rio Grande do Sul, as Reduções do Tape estão relacionadas à primeira fase missioneira, período que corresponde a 1626/1637– 11 anos.

Após a Batalha de M'Bororé em 1641, entre os Guarani X bandeirantes os padres missionários fogem do que hoje é RS, passando para o lado de lá do Rio Uruguai, hoje território argentino, deixando gado trazido pelo jesuíta Cristóvão de Mendonza que multiplicam-se e tornam-se um dos principais motivos para o seu retorno 40 anos depois.

Neste período de 11 anos foram fundados 18 povoados, mas, que pela resistência indígena aos colonizadores e a ação criminosa dos bandeirantes paulistas não houve condição de se desenvolver as reduções.

A partir de 1682, 40 anos depois da primeira fase missioneira, por orientação do império espanhol, os padres voltam para fundar os Sete Povos das Missões, que além do objetivo de “catequisar” os indígenas, vir a garantir a posse das terras para a coroa com a formação de fronteiras entre Portugal e Espanha e acabar com a disputa de terras.

Os Sete Povos fazem parte da segunda fase missioneira, onde se fundam as reduções, com os primeiros núcleos urbanos do RS. O primeiro povoado da segunda fase foi São Francisco de Borja (1682), depois se reergueu São Nicolau (que antes era um povoado, uma aldeia de cabanas e ocas), em 1687 reerguem São Miguel Arcanjo e fundam São Luiz Gonzaga, São Lourenço Mártir (1690), São João Batista (1697) e o último dos Sete, Santo Ângelo Custódio (1706) e transferido para o que hoje é o centro histórico do atual município em 1707.

Por isso o município de **São Nicolau** pode ser considerado como a “**primeira querência do Rio Grande**”. Teve também na primeira fase a redução de São Miguel Arcanjo que foi fundada em 1632 pelo jesuíta Cristóvão de Mendonza que hoje seria mais ou menos na área que está o município de São Pedro do Sul.

Basicamente a diferença entre a primeira fase e a segunda, foi somente no que hoje é o Rio Grande do Sul a primeira fase não se desenvolveu, não se estruturou pela resistência indígena, os conflitos com bandeirantes (escravizavam os índios) e europeus (ouro), resultando na morte de padres e de índios.

Por esse motivo os padres jesuítas abandonam o atual RS se instalam em território argentino, na época, espanhol. Um dos principais motivos que faz os jesuítas retornarem ao RS e fundar os Sete Povos foi a invasão dos portugueses em terras espanholas, como por exemplo, a criação da Colônia do Santíssimo Sacramento (hoje Uruguai) criada pelos portugueses em 1680, por isso a fundação dos Sete Povos para formar uma fronteira limite e impedir a ação dos portugueses em terras consideradas espanholas seguindo a linha do Tratado de Tordesilhas. Fonte: Nadir Lurdes Damiani.

Coordenadora do Centro de Cultura Missioneira URI.





# Missões Jesuíticas

## São Nicolau (1626 – 1º Período)



pagus  
Crédito da Fotografia: <http://www.saonicolau.rs.gov.br/>

Fundador: Pe. Roque Gonzalez de Santa Cruz (1626, primeira fundação, depois no 2º período em 1687 os jesuítas voltam a habitá-la.)

São Nicolau começou o movimento de resistência ao tratado de Madrid e que se espalhou para todas as missões. Para os índios Guarani essa ordem soava incompreensível por vários motivos.

<http://www.saonicolau.rs.gov.br/>



pagus  
Crédito da Fotografia: <http://www.saonicolau.rs.gov.br/>



pagus  
Crédito da Fotografia: <http://www.saonicolau.rs.gov.br/>

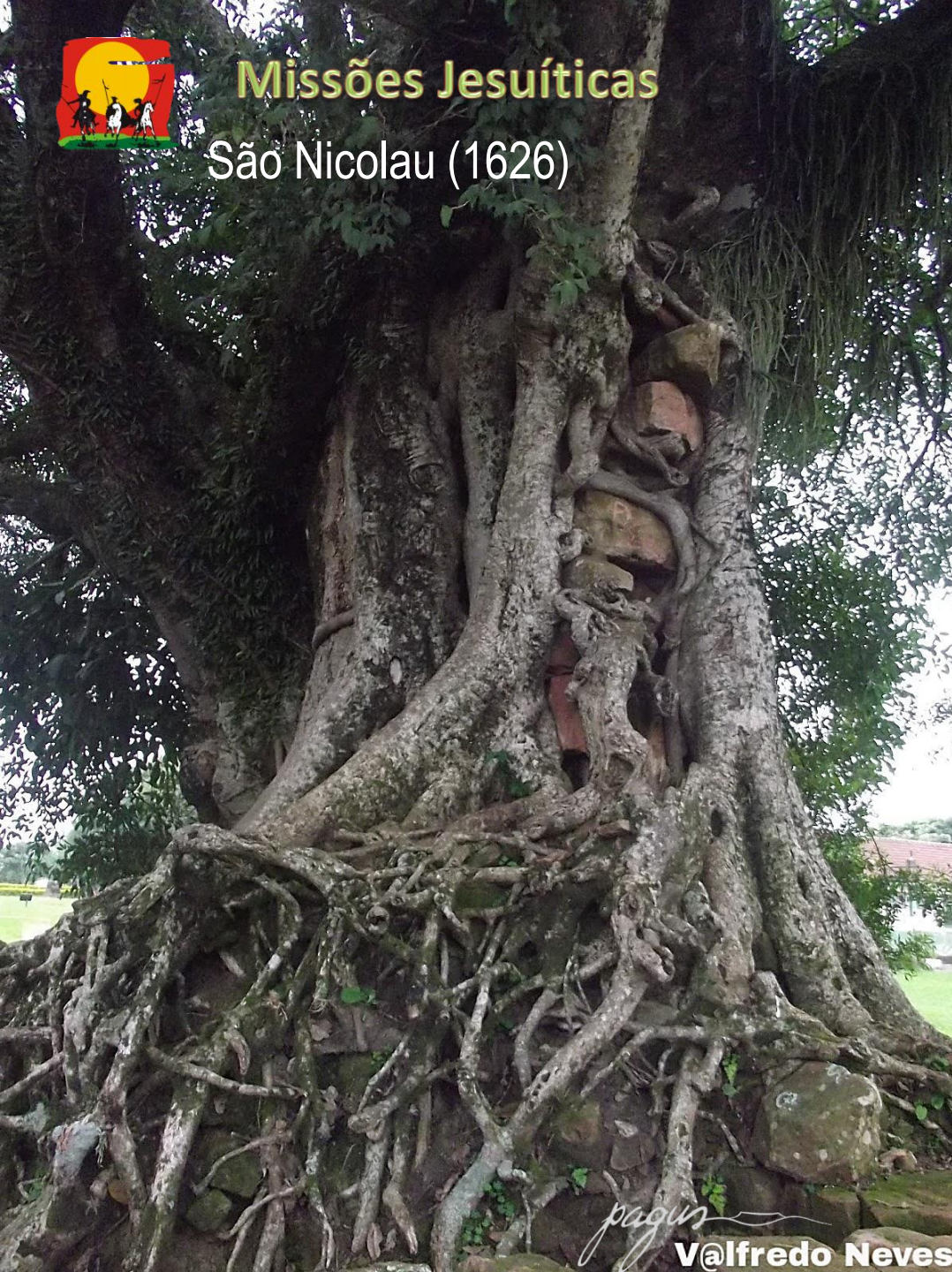


pagus  
Crédito da Fotografia: <http://www.saonicolau.rs.gov.br/>



# Missões Jesuíticas

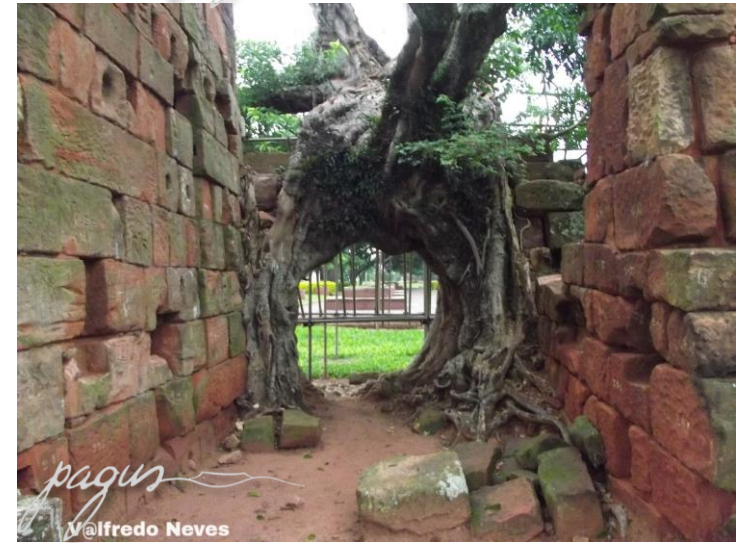
São Nicolau (1626)



*pagus*  
V@lfredo Neves



*pagus*  
V@lfredo Neves



*pagus*  
V@lfredo Neves



*pagus*  
V@lfredo Neves



## Missões Jesuíticas

### São Miguel Arcanjo (1632 – 1º Período)



Fundador: Pe. Cristovão de Mendoza

São Miguel Arcanjo tem sua origem numa aldeia fundada ainda no primeiro ciclo. Em 1687, São Miguel não retornou para o local onde estivera anteriormente, mas para onde hoje se situa. Esta redução se diferenciou das outras não somente administrativamente, mas pela rigidez do traçado imposto nas suas instalações. A igreja de São Miguel - Em estilo barroco, foi construída pelo arquiteto italiano Gian Batista Primoli, a partir de 1735.



# Missões Jesuíticas



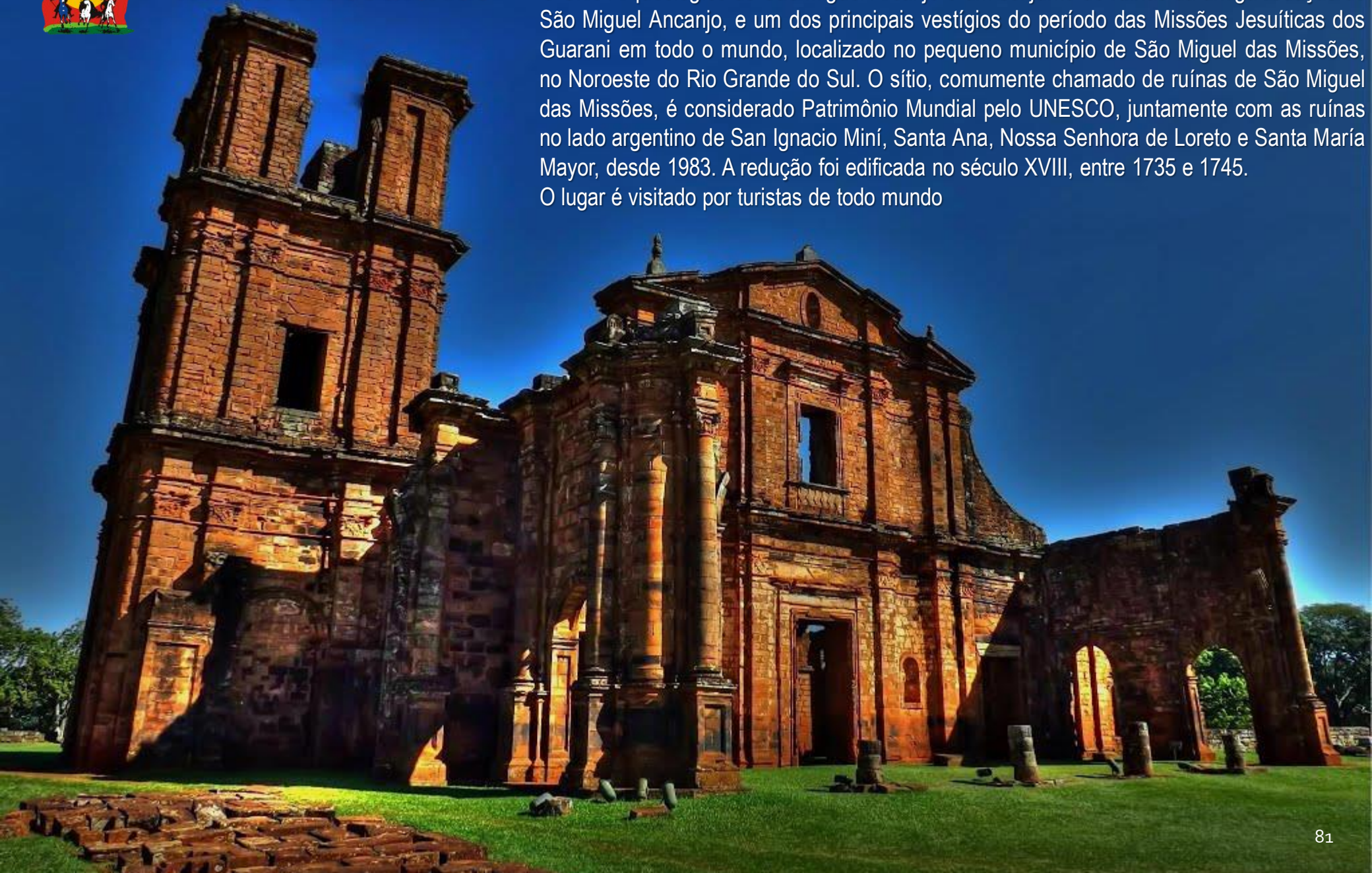




## Missões Jesuíticas

O Sítio Arqueológico de São Miguel Arcanjo é um conjunto de ruínas da antiga redução de São Miguel Arcanjo, e um dos principais vestígios do período das Missões Jesuíticas dos Guarani em todo o mundo, localizado no pequeno município de São Miguel das Missões, no Noroeste do Rio Grande do Sul. O sítio, comumente chamado de ruínas de São Miguel das Missões, é considerado Patrimônio Mundial pelo UNESCO, juntamente com as ruínas no lado argentino de San Ignacio Mini, Santa Ana, Nossa Senhora de Loreto e Santa María Mayor, desde 1983. A redução foi edificada no século XVIII, entre 1735 e 1745.

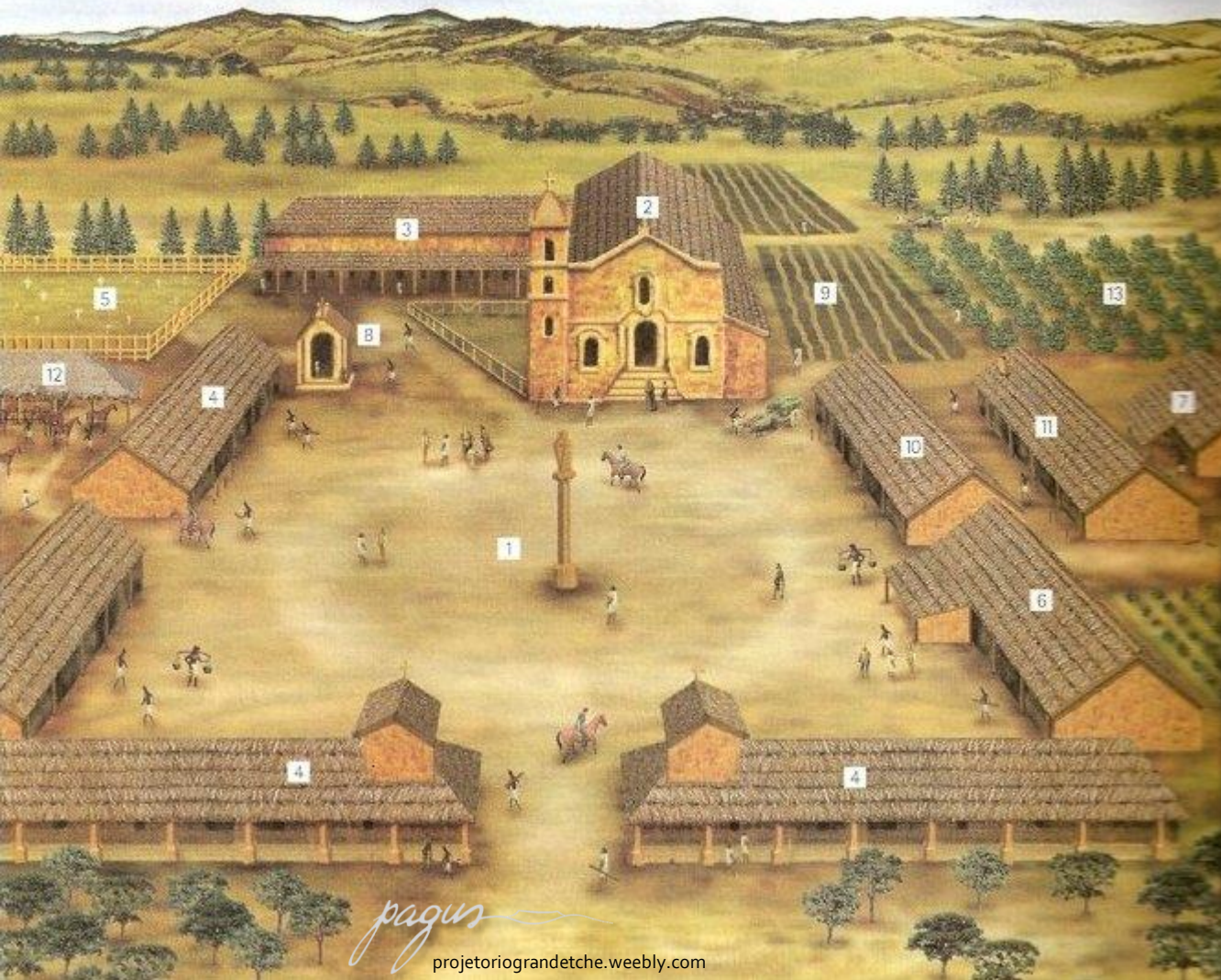
O lugar é visitado por turistas de todo mundo





# Missões Jesuíticas

## São Miguel Arcanjo (1626 – 1º Período)

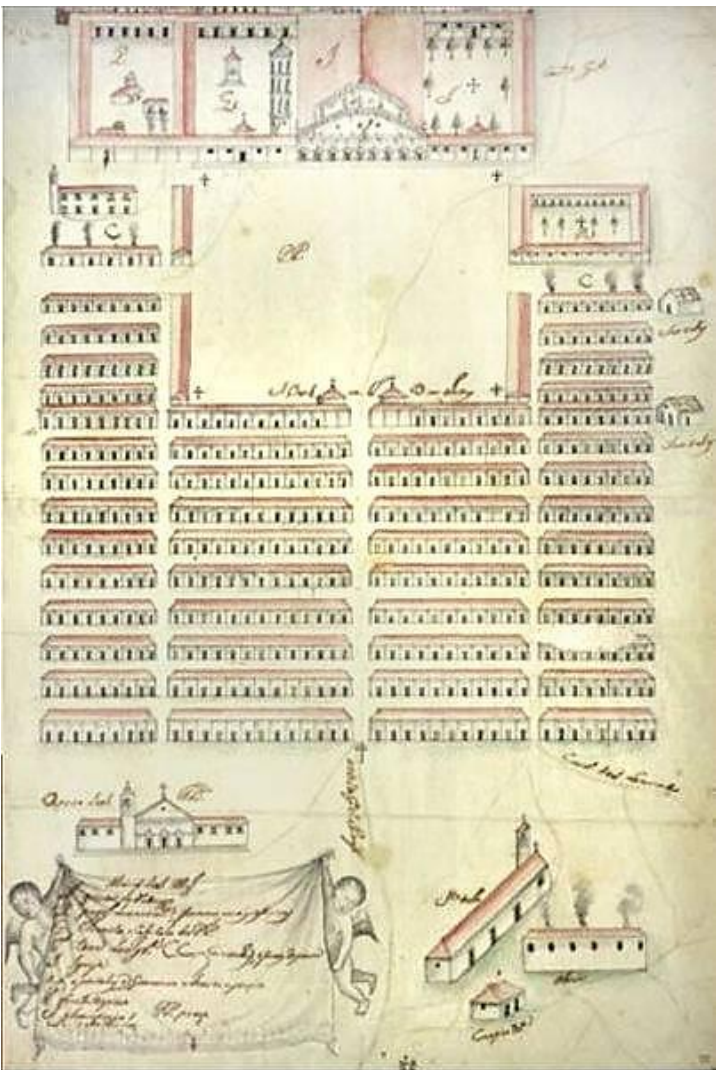




# Missões Jesuíticas

## São Francisco de Borja (1682)

Fundador: Padre Francisco Garcia com mil novecentos e cinquenta homens atravessa o Rio Uruguai, para fundar uma colônia para redução de Santo Tomé, que se desprende a uma légua da margem uma colônia com índios para fundação de São Borja, a que deu o nome de São Francisco de Borja. Devido ao desenvolvimento desta colônia, em 1687 a redução de São Francisco de Borja passou a integrar os Sete Povos das Missões. Por isso é correto dizer que São Borja é a primeira Redução dos 7 Povos (2º Período das Missões Jesuíticas no Brasil).



Pia batismal esculpida em pedra grés, localizada na Igreja Matriz São Francisco de Borja



Antiga Igreja Matriz São Francisco de Borja antes de ser demolida. Arquivo Adolfo Lunks

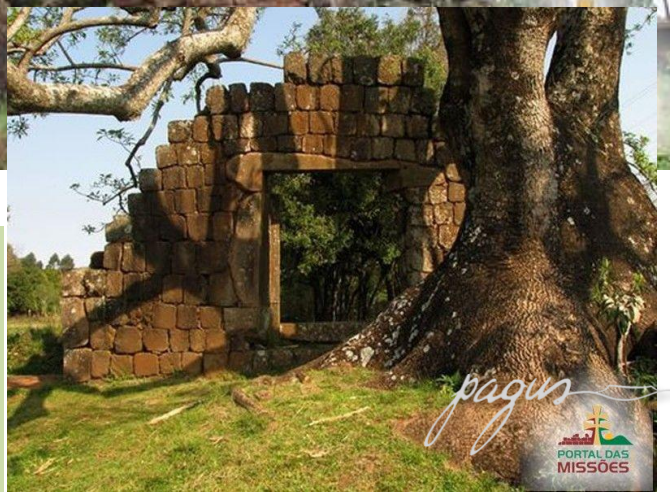


Fonte de São Pedro possui um valor histórico e patrimonial inestimáveis, foi a primeira cacimba comunitária e suas águas inesgotável serviram como abastecimento para a redução de São Francisco de Borja e após o período dos Sete Povos foi paradoro, abastecimento e descanso para tropeiros e animais que passaram por esta região durante toda a nossa história até os dias de hoje.

Não se tem ao certo o momento que começou, mas se sabe em que período começou, mas era costume, em suas águas banhavam as imagens sacras para saírem em procissão por São Borja.



# Missões Jesuíticas



Conjunto de ruínas remanescentes da redução jesuítica homônima, que fazia parte dos Sete Povos das Missões. Era 1690 quando o Padre Bernardo De La Veja fundou a Redução de São Lourenço Mártir. Da Redução de Santa Maria Maior, lá na Argentina, ele trouxe 3512 índios. Já no começo, 823 famílias formaram o quinto povoado missioneiro no Rio Grande do Sul. A redução tinha a praça ao centro e a igreja como principal construção. As poucas paredes ainda intactas dão a dimensão da grandiosidade do templo religioso. Um prédio com aproximadamente 80 metros de

comprimento e 40 de largura. Tão grande quanto o tamanho, era a riqueza do local. No livro “Bens e Riquezas das Missões”, foram traduzidos os inventários dos sete povos. A obra relata que a igreja tinha cinco altares dourados e inúmeros objetos de ouro, prata e bronze. Aqui, mais uma vez, o que chama a atenção é a perfeição das pedras. Esculpidas de forma artesanal, grande parte intacta desde a época em que os índios habitaram esta terra.

O local chegou a ter quase 7 mil índios, uma das maiores reduções. Tudo numa série de construções tão bem planejadas que hoje ainda deixam dúvidas entre a população. Histórias como as de túneis subterrâneos que ligavam uma redução à outra. O que nada mais eram do que espaços embaixo da terra para guardar vinhos e alimentos.



# Missões Jesuíticas

## São João Batista, 1697

Fundador: Pe. Antônio Sepp - A redução de São João Batista foi fundada pelo padre jesuíta Antônio Sepp em 1697. O padre Sepp era detentor de várias habilidades artísticas que passavam pela música, pintura, arquitetura e escultura. Além disso, o padre Sepp era geólogo e minerador, tendo sido o pioneiro na fundição de ferro no sul do Brasil. A redução de São João Batista fica no município de Entre-Ijuís a cerca de 40 km da Santo Ângelo.



*pagus*  
<http://historiacomgosto.blogspot.com.br/>



*pagus*  
<http://historiacomgosto.blogspot.com.br/>

*pagus*  
85  
21 08 2012  
<http://historiacomgosto.blogspot.com.br/>



# Missões Jesuíticas

## Santo Ângelo Custódio (1706)



Fundador: Pe. Diogo Haze - A Redução de Santo Ângelo, fundada em 1706, foi à última redução construída pelo ciclo missioneiro. Destruída na guerra guaranítica, hoje é uma cidade de referência no sul do estado. A sua Igreja Matriz mostrada na foto, foi construída em cima das ruínas da igreja anterior, e seguindo o projeto da Igreja de São Miguel das Missões; Detalhe: Todas as igrejas das Missões são voltadas para o norte, com exceção da de Santo Ângelo que foi construída voltada para o sul.



Continue sua viagem!!

# Mapa Missões

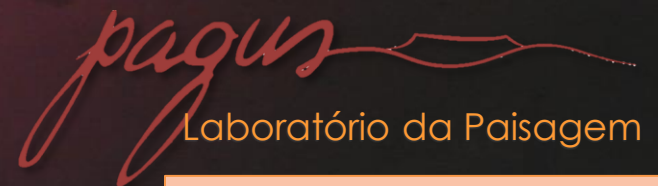
ARGENTINA

ARGENTINA



## Legendas:

- Estrada Federal - BR
- Estrada Estadual - RS
- Estrada Viscinal - VRS
- Estrada
- Município com posto de Informações Turísticas
- Balsa
- Circuitos das Imagens Missionárias



<https://pagusufrgs.wordpress.com>